



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAE
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS - FIEI**

MARLY DA SILVA LIRA MEIRA

**O CANTO PATAXÓ E SUA INFLUÊNCIA NO USO DA LÍNGUA PATXOHÃ
UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ALDEIA VELHA**

BELO HORIZONTE – MG

2020



MARLY DA SILVA LIRA MEIRA

**O CANTO PATAXÓ E SUA INFLUÊNCIA NO USO DA LÍNGUA PATXOHÃ.
UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ALDEIA VELHA**

Percurso apresentado para a conclusão da Licenciatura em Língua, Artes e Literatura, da formação Intercultural de Educadores Indígenas, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof^o Dr. Marcos Scarassatti

BELO HORIZONTE – MG

2020

Dedico esse trabalho à Nĩamisũ (Deus), aos meus filhos, meus pais e toda minha comunidade, principalmente os que colaboram diretamente e indiretamente para que essa pesquisa chegasse ao tĩrmino com sucesso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao pai Nĩamisũ por ter me dado inspiração, força e determinação para que eu concluísse essa pesquisa.

Aos meus filhos Akyrowá (Samuell Wagner Lira Meira), Jandáia (Ellen Beatriz Lira Meira), Rayon (Sameque Rayon Lira Meira) por terem suportado com paciência todas as vezes que eu teria de me ausentar por motivo de estudo.

Aos meus heróis, Vinhático Pataxó (Antônio Francisco de Lira) Aroeira Pataxó (Maria Pereira da Silva) por ter me criado e me preparado para enfrentar os desafios.

Meus sogros Buriti Pataxó, Potira Pataxó, que com muito amor cuidaram dos meus filhos nos momentos que eu mais precisei.

Ao meu esposo, Rayõ Pataxó que com muito carinho me ajudou a cuidar dos nossos filhos sendo meu apoiador nas minhas conquistas.

Minhas irmãs Rosiene Silva de Lira Alcântara, Rosileide Silva de Lira Gonsalves e Rosangela Silva de Lira, por ter me apoiado e cuidado dos meus filhos juntamente com meus sogros.

Txaywã Pataxó por ter feito parte diretamente no processo de construção e elaboração desse trabalho de conclusão de curso.

Aos meus entrevistados, meus colegas Pataxó, Pataxó hãhãhãe, Xakriabá pela belíssima amizade e troca de conhecimentos que construímos ao longo desses 04 anos.

Ao mestre Mandala (Welington). A Luciana Gomes que nos apoiou em todo processo de elaboração e documentação. Aos amigos professores bolsistas pelo apoio a nós prestado.

Aos amigos e professores da FAE, da turma CVN com qual eu pude me aproximar e criar um vínculo de amizade. Aos meus professores da LAL, que me compreendiam e faziam sentir-me bem no momento em que a saudade apertava no peito e lágrimas rolavam nos rostos quando me vinha a vontade de está perto das pessoas que amamos e que não se encontrava por perto.

Meu professor e orientador, Marco Scarassatti, por ter conduzido com maestria e dedicação para o término do meu percurso acadêmico.

À todos Nitxi Awêre!!!! (Muito obrigado)

RESUMO

Este trabalho é um registro da pesquisa do uso de cantos Pataxó, influenciando o uso da língua Patxôhã na Comunidade Indígena Pataxó de Aldeia Velha. Os Cantos são uma metodologia para aprendizado da língua na referida comunidade, algumas pessoas contribuíram muito para esse processo de ensino aprendizagem da língua através do canto. Nesta pesquisa conto a experiência de algumas pessoas que tiveram participação direta no uso desta prática. Registro também as suas falas, que apontam os desafios encontrados e os objetivos alcançados através do uso do canto para aprendizado da língua Patxôhã, algo que se tornou constante na Aldeia Velha. O objetivo principal foi coletar as entrevistas dos principais indivíduos envolvidos em todo o processo. Nesse texto que apresento aqui, decorrente da minha pesquisa, falo da importância dos cantos e da sua constante utilização na aldeia, comento a fala dos entrevistados com minha opinião sobre essa prática pedagógica dentro da comunidade. Esta experiência foi registrada por meio de áudios, vídeos e fotos. Foram realizadas entrevistas com alunos, professores e lideranças da comunidade indígena Pataxó de Aldeia Velha, todos aqueles que contribuíram com este processo de ensino aprendizagem. Os entrevistados relataram essas experiências de ensino e aprendizagem, demonstrando a satisfação de verem como hoje em dia o Patxôhã está sendo falado com mais frequência, e o quanto o canto foi importante nesse processo. A partir deste trabalho foi possível perceber que o canto possui um poder extraordinário de autoestima para as pessoas que querem aprender algo que não é fácil fazer apenas lendo e escrevendo. Percebi que muitos usam a estratégia de observar as palavras, cada vez que o canto é repetido nos rituais dentro da comunidade, assim eles conseguem aprender de uma forma prazerosa, apenas cantando e dançando.

PALAVRAS-CHAVE: Cantos Pataxó; língua Patxôhã; Prática pedagógica.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa das Aldeias Pataxó. Fonte: Juari Pataxó, 2012.	13
Figura 2 - Foto: Vania Meira.....	16
Figura 3 - Foto: Parirymaná.....	17
Figura 4 - Foto: Sameary Pataxó.....	18
Figura 5 - Imagem: Sameary Pataxó.....	21
Figura 6 - Foto: Sameary Pataxó.....	30
Figura 7 - Foto: Jacy Mayõ.....	35
Figura 8 - Foto: Pitoroco Pataxó.....	39
Figura 9 - Foto: Parirymaná.....	42
Figura 10 - Foto: Raywã Pataxó.....	45
Figura 11 - Foto: Eyhnã Pataxó.....	49
Figura 12 - Foto: Aline Pataxó.....	68
Figura 13 - Foto: Vânia Meira.....	68
Figura 14 - Foto: Sameary Pataxó.....	69
Figura 15 - Foto: Andxuara Pataxó.....	69
Figura 16 - Foto: Sameary Pataxó (Ensino da língua materna com áudio e vídeo, realizado pelas Professoras : Marly e Ahnã Pataxó.....	69
Figura 17 - Foto: Sameary Pataxó.....	70
Figura 18 - Foto: Ahnã Pataxó.....	70
Figura 19 - Foto: Ahnã Pataxó.....	70
Figura 20 - Foto: Ahnã Pataxó (corrida com maracá e cabo de guerra).....	70
Figura 21 - Foto: Sameary Pataxó.....	71
Figura 22 - Foto: Ahnã Pataxó.....	71
Figura 23 - Primeira foto: Andxuara Pataxó (Formatura turma Pré II). Segunda foto: Raywã Pataxó (Ritual com a comunidade).....	71
Figura 24 - Foto: Ahnã Pataxó (Marcha de conscientização e valorização das nossas práticas culturais na escola e comunidade).....	71
Figura 25 - Foto: Ahnã Pataxó (Momento muito esperado, modelos para desfile dos jogos infanto-juvenil da escola de Aldeia velha).....	72

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. TRAJETÓRIA DE DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO DA ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ ALDEIA VELHA	16
1.1 A inserção da língua patxôhã na Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha	21
2. A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	23
2.1. Iê atxôhã Pataxó – A língua Pataxó	24
2.2 A importância do canto Pataxó na educação Indígena de Aldeia Velha	25
2.3.1 Ipê Pataxó (Silvino Lopes do Espírito Santo)	29
2.3.2 Jacy Maiõ (mãe de aluno)	35
2.3.3 Pitoroco Pataxó	38
2.3.4 Pariryamayná	42
2.3.5 Haywã Pataxó	45
2.3.6 Eyhnã Pataxó	48
3. OS CANTOS PATAXÓ TRADICIONAIS	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
ANEXOS	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73

INTRODUÇÃO

O canto sempre foi uma importante “arma” para nosso povo, uma vez que fomos forçados a não falar a nossa língua materna. Ele sempre esteve presente ao longo dos anos, dentro da nossa memória e da nossa história. O povo pataxó sempre foi um povo feliz e essa felicidade, sempre foi apresentada através dos nossos cantos, de forma alegre, envolvente e com mensagens sobre Tanara (natureza), sobre os pássaros, o sol, a lua, e muitas outras crenças. O nosso canto é fruto da nossa percepção e relação com a Mãe natureza, pois é ela que nos ensina e nos corrige quando é preciso. É a mãe natureza, a nossa primeira Professora, nossa Mestre, nossa Doutora, é por isso que nos inspiramos nela para fazermos nossos cantos e esses mesmo cantos trazem uma pedagogia de ensino diferenciado para os nossos alunos e também nossa comunidade.

Em todo o momento, desde um ritual de abertura de uma reunião, até o momento mais triste para o nosso povo, o canto se faz presente em nosso meio, sempre nos dando uma lição e nos ensinando a viver. Nossa relação com o nosso canto vai muito além de apenas escrever e cantar. É alma, sentimento, cultura, tradição, sabedoria e ensino. Por isso é que introduzimos nossos cantos dentro do âmbito escolar, para que nossas crianças cresçam aprendendo que eles devem respeitar a mãe natureza, os mais velhos, a cultura, a tradição.

O canto na escola de Aldeia Velha tem um papel muito importante, além de trazer conhecimentos pedagógicos para nós professores, é um instrumento de ensino muito eficaz para nossos alunos, sem contar que ela ajuda na construção da língua materna e que melhora a pronúncia da nossa língua, ajuda a conhecer palavras em nossa língua, melhora no desenvolvimento físico e espiritual das crianças. Às vezes muitas pessoas não entendem porque toda vez que vamos fazer algo que envolve nossa cultura, temos que cantar algum canto. Isso acontece porque estamos ensinando e aprendendo ao mesmo tempo. Ensinando, a quem não conhece o respeito pelo momento que nos é dado e aprendendo, que devemos sempre respeitar todas as culturas, crenças e todas as pessoas. A dádiva que o canto nos ensina é incomparável, é um instrumento muito autêntico para nós educadores e tem em si uma essência agradável de belezas naturais e ancestrais. Por isso, que o povo Pataxó é considerado um povo feliz, porque nossos

cantos são alegres, elas são feitas para trazer harmonia, alegria, paz, respeito e acima de tudo um conhecimento eficaz.

Ensinar, não é só escrever ou ler, nem muito menos forçar uma criança a aprender matemática, ciência ou religião, é buscar naquilo que você tem de melhor e que te dê prazer em aprender, e o canto tem esse efeito, tem esse propósito, pois ela não cansa, não fadiga, mas ensina e ensina com prazer e exatidão. E é por isso que o canto tem papel de destaque em nossa escola, em nossa comunidade, pois ela traz em si, uma pedagogia de ensinamentos prazerosos e que tem ajudado em muito a fortalecer a nossa língua materna e o canto traz em si essa pedagogia. Para todos os momentos temos um canto, para cada época e tempo, viver, cantar, ensinar e aprender, o canto Pataxó é profundo e íntimo e que nos eleva a um mundo de gratidão, de prazer e de ensino... temos aqui um dizer: Pataxó Txihi Aponãhi, (Pataxó povo feliz).

Minha Trajetória

Eu sou Sameary Pataxó. Marly da Silva Lira Meira tenho 39 anos de idade nascida na cidade de Eunápolis Bahia, casada e mãe de três filhos. Filha de Antônio Francisco de Lira (Vinhático Pataxó) e Maria Pereira da Silva (Aroeira Pataxó).

Sou de uma família de 14 irmãos, vindo a falecer três. Sempre vivíamos em roças na região de Porto Seguro Bahia, e no ano de 1998, meu pai foi convidado pelo cacique Ipê, Silvino Lopes do Espírito Santo para fazer parte da retomada do território indígena Aldeia Velha. Meus pais ficaram muito felizes com o convite e reuniu a família que prontamente decidiu fazer parte desse tão sonhado processo.

Nesse período fiquei trabalhando no bairro vizinho para tentar ajudar meus pais de alguma forma, e no fim de mês eu levava compras para eles, porque nessa época meus irmãos mais novos não tinham idade para trabalhar. A situação financeira não era boa, pois eles ainda iam se estabilizar no local da sede. Me emociono em dizer que, quando eu chegava de surpresa na casa dos meus pais, sempre tinha uma panela com água em cima do fogão de lenha, quando eu perguntava para minha mãe, para quê era aquela panela com água, ela me respondia: - filha, essa água é para quando aparecer alguma coisa eu cozinhar, e eu a respondia então, cata o feijão e coloca na água, daí fazia o almoço e nós almoçávamos.

Ao cair da tarde eu voltava para a casa na qual eu trabalhava. No dia 20 de Dezembro de 2000 eu resolvi largar o trabalho para me unir a minha família, e ano de 2001 me ingressei na escola Indígena de Aldeia Velha dando início à 4º série do ensino fundamental I. Antes de terminar o ano letivo eu passei a estudar na escola do bairro vizinho da comunidade e com muito esforço conclui meus estudos em 2009.

Nesse mesmo ano surgiu uma vaga para auxiliar de serviços gerais na escola indígena de Aldeia Velha, eu fiz a prova e, entre 18 a vinte pessoas, eu fui a primeira colocada. Trabalhei nos anos de 2009, 2011 a 2014 nessa função, em 2015 trabalhei como auxiliar de classe, em 2016 como voluntária da educação e após processo seletivo, me tornei professora, lecionando de 2017 a 2019 na turma do 2º do fundamental I . Durante esse percurso de tempo fiz o curso de pedagogia.

No ano de 2016 prestei vestibular para o curso de graduação para educadores indígenas, na turma da LAL (línguas Artes e Literaturas) FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Com muitas expectativas eu dei início ao curso, com a esperança de quando finalizá-lo eu levar tudo o que aprendi como um retorno para minha comunidade, pois acredito que ao entrar nesse universo acadêmico eu não sairia da mesma maneira em que eu entrei e sim, com uma visão ampla e cheia de conhecimentos para dizer ao meu povo que, avance!

O meu Povo Pataxó

O nosso povo vivia em grupos, pelas matas da região da Bahia e Minas Gerais, sem cercas ou picadas, pois a floresta era sua morada, convivendo com os índios Maxacali, os Botocudos e os Tupiniquins, que viviam entre as bacias dos rios João de Tiba, São Mateus Prado e Belmonte.

Atualmente o povo Pataxó se encontra no Extremo Sul da Bahia e no interior de Minas Gerais. Povo guerreiro, que após séculos de contatos com os não indígenas ainda moram em aldeias mantendo suas culturas, crenças e tradições.

Sendo assim, ainda preservam muitas lembranças do passado, e permanecem lutando bravamente com muita luta e resistência para continuar a existir enquanto povo. O primeiro aldeamento se deu no ano de 1861, a fim de diminuir ou inibir conflitos

entre fazendeiros e invasores de terras com indígenas. Usaram como estratégia destinar aos indígenas um lugar chamado bom jardim, denominada atualmente como Aldeia Barra Velha.

Contudo os conflitos e perseguições não acabaram e mais um grande massacre ocorreu no ano de 1951. Conhecido como fogo de 51, (de acordo com Raízes e Vivência Pataxó, 2005 pg 22), os mais velhos contam que nessa data aconteceu uma guerra muito triste em Barra Velha.

Tudo começou em num conflito de terra que fez o capitão da aldeia (como era chamado a liderança Pataxó) Honório Ferreira e mais três Pataxó, viajaram até o Rio de Janeiro para reivindicar seus direitos. Como resultado dessa reivindicação, o Marechal Rondon falou que iria tomar as devidas providências enviando engenheiros para demarcar nossas terras.

Honório e seu grupo, ao retornarem da viagem, foram abordados por dois homens brancos que diziam ser engenheiros e que iriam demarcar as terras. Esses dois homens chegaram na aldeia e criaram uma situação para que os índios atacassem a venda do Senhor Teodomiro, morador de Barra Velha. Infelizmente alguns índios caíram na fala desses dois impostores e pegaram Teodomiro amarraram, carregaram, jogaram na beira da praia, além de roubarem toda a sua mercadoria. Por uma coincidência, ia passando um homem e perguntou: o que está acontecendo? Ele disse: foram os índios que fizeram isso comigo, este homem foi até a linha do telégrafo e comunicou à polícia de Porto Seguro e do Prado.

E quando eles perceberam isso, cortaram toda linha para que não houvesse mais comunicação. No dia seguinte, de madrugada, os policiais chegaram já atirando, teve até trocas de tiros entre os policiais do Prado e de Porto Seguro, que pensaram que os tiros vinham dos índios, e acabaram morrendo nesse tiroteio muitos índios e policiais quando os policiais perceberam que não eram os índios que estavam atirando, juntaram suas forças para atacar.

Foi assim que começou o massacre do povo. Estupro de mulheres e espancamentos, crianças morrendo nas pontas das baionetas e muitos índios fugindo para as matas para se esconderem. Foi terrível esse massacre e, até hoje o nosso povo chora quando os mais velhos contam essa história tão triste e violenta.

Depois do massacre os índios que conseguiram sobreviver ficaram muito tempo dentro das matas escondidos, sem poder ver a luz do sol, havia muitos guardas em Barra Velha esperando os índios saírem para atacá-los.

Com o passar do tempo após o massacre, das pessoas que se refugiaram pelas matas, alguns voltavam para a aldeia destruída para recomeçar a vida com a sua comunidade. Outros foram se formando novas famílias e iam se dispersando pela região. Muitos silenciavam a sua própria identidade com medo de sofrer novas violências, discriminações e preconceitos. E em busca de sobrevivência, alguns buscavam serviços nas fazendas da região, mas sempre com muita opressão. Então, com o crescimento dessas famílias, por ali iam se criando novas Aldeias, que se resultam hoje em aproximadamente 39 aldeias. Continuamos com a mesma força, a mesma garra e, acima de tudo, muita união.

Terra Indígena-TI Aldeia Velha



Figura 1 - Mapa das Aldeias Pataxó. Fonte: Juari Pataxó, 2012.

Muitas Aldeias se formaram como consequência desse ocorrido. Aldeia Velha que é a minha Aldeia onde eu moro é uma delas, (de acordo com o Inventário Pataxó 2011, pg 48) ocupada em 1997, após uma longa história de luta pela terra, a área está

situada ao Norte á margem do Rio Buranhém, com áreas alagadas, manguezal e terreno arenoso, compõe-se também de uma área elevada, mais para o interior próximo a estrada de Arraial D`Ajuda, na qual há mata secundária bem conservada.

Essa TI deriva de um aldeamento Jesuíta de 1534, chamada de Aldeia Santo Amaro. Os antigos “donos” chamavam essa área de fazenda Santo Amaro, mas o nome Aldeia Velha foi dada pela população indígena justamente para reafirmar sua presença desde tempos imemoriais, conforme atestam a existência de sítios arqueológicos no local.

Após muitas histórias de luta, foi em 1998 que Ipê (Silvino Lopes do Espírito Santo) conseguiu unir mais de 46 famílias Pataxó que estavam desaldeados e iniciou o processo definitivo de conquista desse território tornando-se então a principal liderança e posteriormente cacique da Aldeia durante muitos anos.

A primeira retomada começou na estrada que liga Arraial D`Ajuda a Trancoso, onde atualmente é o local de entrada da atual reserva de Aldeia Velha. Os índios permaneceram por cerca de duas semanas neste local, o fazendeiro ficou sabendo da retomada da terra e entrou com uma liminar para que os índios desocupassem a área. Ipê recebeu a visita de um oficial de justiça que juntamente com alguns policiais militares expulsaram as famílias que acataram a liminar sem resistência.

No ano de 1998, recomeçou a luta pela terra. Esta fase contou com o apoio fundamental do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) e o Grupo de Apoio aos Índios Pataxó GAIPA, (Grupo de Apoio aos Índios Pataxó) que forneceram alimentos ás famílias aldeadas, outra pessoa que teve um papel fundamental nessa luta foi o índio Tupi-guarani Taiguã, advogado , e que na mesma Aldeia foi assassinado enquanto defendia os nossos direito indígenas, motivo esse, desconhecido.

Antes estabelecidos na parte baixa, junto ao rio por uma posição de estratégica no processo de ocupação, com a terra indígena consolidada, as famílias passaram a transferir suas moradias para o interior da mata, onde estabeleceram a Aldeia definitiva. Atualmente, a Aldeia Velha possui aproximadamente 2.000 hectares no distrito de Arraial D`ajuda, município de Porto Seguro Bahia. Nela reside cerca de duas mil pessoas, que sobrevivem da venda do artesanato, agricultura, e na própria comunidade na rede da prefeitura Municipal e Estadual.

A situação fundiária da mesma foi estabelecida conforme art. 231 da constituição, com TI tradicionalmente ocupada por índios e também de acordo com o título IV, art. 32, lei 6001 Estatuto do índio (21/ 12/73).

1. TRAJETÓRIA DE DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO DA ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ ALDEIA VELHA

A educação Escolar em Aldeia Velha iniciou-se no ano de 1998, assim que as famílias se estabilizaram no território, as aulas eram administradas através de rodas de conversas transmitidas pelos nossos sábios da comunidade ali era passada relatos de experiências de sobrevivência do nosso povo, os sábios (anciãos) ensinavam sobre as formas de pescas, plantios, caças e nossos conhecimentos tradicionais, mas o cacique Ipê teve a preocupação de que as crianças deveriam estudar também outras formas de conhecimento que era ler e escrever pois o mesmo entendia que a caneta é uma “arma” poderosa para lutarmos pelos nossos direitos, a partir de então o cacique luta para que ingressasse uma escola, mas tinha um grande problema porque nesse período não havia professor formado para iniciar o processo de educação.

Então, no ano de 1999, o cacique Ipê vai a secretaria de educação e pede que enviassem uma professora tendo por nome de Alzenir (não indígena) diante disto havia uma dificuldade que era os materiais de apoio para que desse início as aulas e o pequeno quadro que havia encontrado era pregado na madeira porque não havia paredes, poucas cadeiras de madeira e uma pequena mesa, as aulas eram administradas em uma pequena cabana onde era usada para fazer as reuniões e atendimento médico dando início com 30 alunos numa turma multi-seriada do 1º a 4º série dos anos iniciais.



Figura 2 - Foto: Vania Meira

Já no final do ano de 1999, o cacique Ipê convoca o povo para ocupar outro espaço do território chamado sede. Este local tinha uma melhor estabilidade e já estava mais próximo do bairro tendo melhor acesso a mercado e farmácia, nesse período da continuidade as aulas no espaço da casa do cacique Ipê ainda com a professora Alzenir com 35 alunos, ficando ali por um período curto pois o mesmo espaço não comportava todas crianças da comunidade de Aldeia Velha, então a professora Marialva Dias dos Santos (primeira professora indígena de Aldeia Velha) pede permissão para lecionar na farinheira (casa de fazer farinha) lecionando da 1º a 4º série/ano do ensino fundamental I, no período matutino e educação de jovens e adultos no período noturno tendo como professora Marialva Dias dos Santos e José Roberto dando aula para aproximadamente 74 alunos.



Figura 3 - Foto: Pariryamayná

Ainda assim, as dificuldades continuaram porque tivemos que dividir o espaço da casa de farinha com a sala de aula quando estava fazendo farinha era quase impossível dar aula, o espaço foi dividido com algumas tábuas e taliscas de bambu, não tinha água nem banheiro, e o barulho dos maquinários deixavam os alunos angustiados e inquietos passando mal pelo cheiro forte que vinha do fundo da farinheira devido acúmulo da água que imprensava a massa para fazer a farinha e da mandioca que apodrecia no local, a água que saía da prensa ficava acumulada causando mal cheiro e até mesmo larvas (bichos da lama) diante de toda dificuldade ainda foi possível ficar nesse local no final do ano de 2001 a 2003.

Em 2003 começa a construção da primeira escola esta com recurso da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) a escola tinha 01 sala, 02 banheiros e uma mini cozinha sendo inaugurada no ano de 2004, no ano de 2005 teve uma pequena reforma pela

secretaria de Educação de Porto Seguro, ampliando mais uma sala e uma pequena área onde funcionava como uma sala de aula e refeitório, aumentando as expectativas para uma educação melhor sendo contemplada com um espaço físico porém faltavam carteiras, mesa, geladeira, fogão e panelas grandes para cozinhar, mas não era só isso, faltava também o principal que era os professores pois a turma de alunos era de 99 crianças e que agora já estava encaminhando para um formato de uma verdadeira escola, com muita luta foi vencido o desafio o processo de educação avança tendo como principais professores indígenas, Luciana Gomes, Marialva Dias dos Santos, José Roberto, Carlos, Maria Aparecida e Lucinei Nobre a primeira professora de cultura sobretudo indígena, merendeira Antônia e auxiliar administrativo, Vania Santos Meira.

A Escola de Aldeia Velha funcionava como núcleo da escola do bairro vizinho pois, a mesma ainda não tinha estrutura para funcionar como uma escola própria.

No ano de 2007, a coordenadora geral das escolas indígenas conseguiu tirar a escola indígena do núcleo da escola do bairro vizinho tornando a, Escola Indígena de Aldeia Velha nossa tão sonhada escola.



Figura 4 - Foto: Sameary Pataxó

Finalmente, no ano de 2008, começa a construção de uma escola maior, pois, o número de alunos aumentou e o espaço onde estávamos já não era suficiente por aumentar a quantidade de alunos o espaço se torna pequeno causando incômodo e calor, em 2009 passamos então a usar a nova escola mesmo antes da inauguração porque não deu mais para continuar onde estávamos a partir de então passamos a usufruir de um

espaço digno e aconchegante que todas as crianças merecem para um bom aprendizado, essa com mais sala e uma biblioteca.

Sobre a educação Escolar Indígena, Marialva diz:

No contexto atual da educação municipal, a Escola Indígena de Aldeia Velha existe para preservar os costumes, cultura e o hábito da comunidade. Nela o professor é um mediador onde passa os seus conhecimentos na música, dança e as histórias dos antepassados. A escola é pra incentivar o valor tradicional de nosso povo Pataxó e de outros”. (DIAS, 2018, p. 44-45)

Ainda no ano de 2009 tivemos um quadro maior de 22 funcionários 03 merendeiras com a mesma função de serviços gerais, 03 porteiros, 02 auxiliares administrativos e 10 professores incluindo mais 04 funcionários para serem distribuídos para suas respectivas funções, pois a escola já havia crescido obtendo 04 salas de aula, 03 banheiros, uma cozinha maior, biblioteca, almoxarifado e uma secretaria.

No ano de 2012 foi implantado o 6º ano do fundamental II, aumentando ainda mais o quadro de funcionários para 25, com o quadro docente de 208 alunos, em 3013 foi feito um processo seletivo para contratação dos funcionários e nesse mesmo ano implanta o 7º ano do fundamental II, e sendo a primeira Escola Indígena a ser contemplada com a lousa digital interativa e instalação de wi-fi, todo esse processo evolutivo da nossa educação fez com que muitos dos professores se graduassem nas áreas da educação não sendo mais preciso contratar professores não indígenas, atualmente a maioria dos professores são habilitados a assumir sala de aulas, temos professores nas áreas de formação em pedagogia, CSH (Ciências Sociais Humanas), LAL (Línguas Artes e Literaturas) CVN (Ciências da Vida da Natureza) MT (matemática) quase todos graduados pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) outros em fase de conclusão pela mesma faculdade.

Sobre a educação transmitida por professores formados da própria comunidade Marialva diz:

Por se trabalhar a especificidade. Acredita-se que a escola em Aldeia Velha as crianças têm um bom avanço na aprendizagem quando os professores são da mesma comunidade, acredita-se por saber lidar com as diferenças principalmente cultura e tradições. Hoje os indígenas são protagonistas da nossa própria história um avanço conquistado na referida aldeia com muitas lutas. Isso não quer dizer

que o não índio possa vir a lecionar na escola ou vice versa, o professor índio também leciona em escola do não índio, pois hoje estão estudando e se profissionalizando cada vez mais, demonstrando que são capazes de ser protagonista de sua própria história fora da aldeia, a própria lei 11. 645/10/ 03/2008 possibilita esse efeito” (DIAS, 2018, p.31)

E ainda:

Falar em contribuição da escola indígena para a comunidade é dizer que ela foi fundamental, essencial, contribuiu para que toda a comunidade pudesse ser beneficiada através de diversos fatores, desde os aspectos culturais aos pedagógicos, vindo a fortalecer a retomada da Aldeia Velha e desta forma a escola é comunitária e se desenvolvia junto com a comunidade, pois iam crescendo o número de crianças, crescendo assim em habitantes e a escola preocupava ampliar seu espaço físico com isso também a reafirmação cultural, daí veio a preocupação de buscar o novo conhecimento para trabalhar de forma integral que possibilitasse aquisição do novo do até então desconhecido. A escola é um elo com a comunidade, constantemente porque os alunos são da comunidade, os pais, os avos, os tios, os primos, os próprios professores enfim são todos da comunidade e com estão se entrelaçando os conhecimentos encontra-se paralelamente ligados por graus de parentescos, com isso não tem como trabalhar deixando a comunidade de lado, a escola contribui com a comunidade e a comunidade com a escola, na verdade elas são parceiras em busca de subsídios que favoreçam a ambas” (DIAS, 2018, p.51-52)

Diante desta declaração fica mais evidente a importância que tem uma escola dentro da comunidade indígena, pois ambas dialogam, não existe comunidade sem escola nem escola sem comunidade e isso temos vivido na prática, a interação que temos com a comunidade nos faz crescer e nos fortalecer, pois, a nossa escola é uma grande aliada da nossa comunidade, quer seja nos momentos de festividades ou enfrentamentos em busca de melhoria nos âmbitos educacionais, saúde e territorial.

Bem como a importância de se ter professores formados e habilitados nas respectivas áreas da educação, não desmerecendo os nossos professores não indígenas que por sua vez colaboraram muito no processo de aprendizagem das crianças da nossa comunidade mas, só o professor que lida no dia a dia para entender melhor seus educando, pois nos deparamos com realidades diversas se tratando de situação financeira a contexto social e familiar pois ser educador numa comunidade é está preparado para acolher e compreender o processo de desenvolvimento de cada criança, somos transmissores de conhecimentos e ao mesmo tempo pais, amigos, tios, primos, psicólogos e conselheiros, o que nos torna mais próximo dos nossos alunos.



Figura 5 - Imagem: Sameary Pataxó

A escola Indígena Pataxó de aldeia Velha atualmente tem um quadro de funcionários de aproximadamente 35 funcionários distribuídos em suas respectivas funções.

Quadro discente de 260 alunos matriculados. Observa-se o desenvolvimento significativo da educação escolar. Dentre o quadro de funcionários temos dois professores que lecionam a disciplina da língua materna (Patxahã). Abrangendo a educação infantil ao fundamental II.

1.1 A inserção da língua patxôhã na Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha

O trabalho de retomada da língua patxohã, foi iniciada de forma independente, por membros das aldeias Pataxó no ano de 1998 e desde o início, a escola foi e tem sido um grande aliado neste processo. Desta forma, no ano de 2004, passou a ser ensinada a língua patxohã na disciplina de Arte e Cultura na Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha, pela professora Lucinei - Txayá Pataxó. Nesta época na comunidade, as músicas cantadas durante o Awê (dança Pataxó) eram em grande parte, na língua portuguesa.

E ainda Anari diz:

Desde 1998, os Pataxó desenvolvem um trabalho de “retomada da língua” resultado de um esforço coletivo, como terras podem ser retomadas, na luta, assim línguas podem ser retomadas e isso começou acontecer antes de 1998. Já havia uma preocupação das lideranças e dos mais velhos pelo fortalecimento da cultura Pataxó, inclusive da língua. (BRÁZ, 2017, p.5)

Outro fato que chama a atenção é que as pinturas corporais e faciais, até nesse período, eram feitas com poucos traços.

No ano de 2006, o professor Ronald – Raywã Pataxó assumiu para lecionar a língua patxôhã, e, a partir daí, houve um trabalho de criação de novos cantos pataxó compostas na versão patxôhã X português e, a comunidade passou a se interessar ainda mais pela a apropriação da sua língua materna. Uma coisa interessante, é que todos participavam com muito entusiasmo de mostrar um para o outro que estavam aprendendo ou já havia aprendido sobre a sua língua. Havia encontros entre aldeias e o que mais se compartilhava nesses momentos era: as pronúncias de palavras, de frases e a tradução das músicas cantadas. Esses encontros eram proporcionados pelos intercâmbios e jogos e tornaram-se momento importante e ímpar no compartilhamento de conhecimento e aprendizado tanto da língua quanto das pinturas e outros aspectos da cultura pataxó. (ver atividades pedagógicas e culturais em anexo).

Segundo Txaywã Pataxó, que vem desenvolvendo este trabalho com o ensino da nossa língua, desde 2008, e também, segundo outros professores, com os quais tive e eu tenho contato, dentre os desafios que o professor de patxohã tem, um deles é cativar e convencer o aluno a aprender, praticar e manter a sua língua e toda sua cultura. Mas, com muita ética, dinâmica e criatividade, aos poucos isso vem se tornando possível. Toda preparação da aula é pensada e elaborada pelo professor, desde a produção de materiais a ser utilizado à avaliação. Ao ensinar a língua patxôhã, o aluno é contemplado com um amplo conhecimento, pois nesse contexto, é necessária a abordagem de toda a história do seu povo, seu território e sua comunidade. A avaliação da disciplina é feita de forma que não agrida o aluno e sempre considerando as particularidades e competências de cada um, tornando o patxôhã sempre mais aceito e praticado pela comunidade escolar e todos os membros da aldeia.

2. A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Considerado o objetivo primeiro desse trabalho, que era pesquisar os cantos Pataxó, e a relação com a língua patxohã no âmbito escolar, elaborei um caminho para minha pesquisa de modo a responder ao questionamento sobre a importância do canto no processo de retomada da língua, principalmente dentro do contexto escolar. Para isso escolhi entrevistar pessoas que estivessem ligadas direta e indiretamente com o tema, seja na condição de liderança e docência, estudantes que passaram pela escola indígena, uma mãe que teve filhos vivendo esse processo dentro e fora da escola indígena, além de pensar que esses entrevistados representariam também diferentes gerações que viveram esse processo de retomada da nossa língua. Todos os entrevistados e entrevistadas são da Aldeia Velha.

Para fazer as entrevistas, estruturei um questionário comum que possibilitasse a obtenção de informações relacionadas ao tema. Como essas entrevistas eram mais abertas para que os entrevistados se sentissem melhor em falar sobre o assunto, algumas perguntas foram feitas especificamente para um ou outro entrevistado. Mas de um modo geral, todos receberam as mesmas perguntas.

Após isso, transcrevi as entrevistas para poder analisar o conjunto das respostas e verificar o que elas diziam em relação ao meu questionamento. Durante o transcorrer da pesquisa, percebi a importância e protagonismo dos professores no processo de retomada na nossa língua, por isso resolvi tomar suas falas na íntegra e incorporá-las como um capítulo, composto pelas falas desses professores e entrevistados, de uma maneira geral.

Além das entrevistas, pesquisei trabalhos acadêmicos que tivessem relação com o meu tema. Privilegiei pesquisas feitas por indígenas da minha etnia. Dessa forma, procurei dialogar com os trabalhos de Akerlan Santos Nascimento, Anari Braz Bonfim e Itanajé Ferreira dos Santos, Saniwê Alves Bráz e parentes da minha própria comunidade.

Marialva Dias Santos (Parirymaná) professora da educação infantil. Que acompanha o processo de ensino e aprendizagem na escola da comunidade há muitos anos.

Ronald Goivado dos Santos (Raywã pataxó) o qual além de não só ensinar a língua materna, ele também cria os cantos no Patxôhã e também na língua portuguesa e

ensina como aprender a cantar com suas melodias através do ritual do awê. (dança Pataxó) Pai e aluno da comunidade, com o objetivo de ouvir relatos sobre a importância e a influência do canto como meio de facilitar o desenvolvimento da linguagem através do canto.

Também fiz uso de aparelhos tecnológicos como: o notebook, o celular para fazer as gravações em áudio e ao mesmo tempo receber mais informações quando não pude ir até a casa dos meus entrevistados por motivos da pandemia que iniciou justamente quando me encontrava na fase final do meu percurso acadêmico.

Ao longo desse caminho encontrei muitos desafios, apesar de todos os meus entrevistados tiveram muita boa vontade em colaborar com suas falas eu precisei ter muita paciência em abordá-los foi um cuidado que eu tive de não estar sendo invasiva, então precisei ir uma vez e voltar para concluir a finalidade desejada, dessa forma pude conversar de maneira agradável com todos os meus entrevistados obtendo os resultados que me ajudaram a concluir este percurso.

2.1. Iê atxôhã Pataxó – A língua Pataxó

O nosso povo Pataxó outrora por meios de opressões foram proibidos e forçados a não falar a sua própria língua, ficando silenciada por muito tempo. Ainda assim, o nosso povo nunca abaixou a cabeça, com a sua persistência e fé, sempre acreditou que seria possível alcançar seus ideais.

Apesar de todas as opressões causadas ao povo Pataxó na tentativa de descaracterização de sua identidade cultural, sobretudo da sua expressão lingüística, os mais velhos se esforçaram com grande bravura para que ficasse preservada principalmente nas memórias musical grande quantidade de palavras. Que foi e tem sido ponto de partida de extrema importância no processo de reestudo e retomada da língua patxôhã como é denominado a língua Pataxó. A reestruturação lingüística do povo Pataxó é um processo que segue de forma contínua, apesar de atualmente encontrarmos alguns desafios: a falta de materiais específicos e o pequeno número de professores indígenas que atuam nessa área. Ainda assim, é possível notar os avanços conquistados ao longo dos anos (SILVA, 2019, p. 42).

De acordo com o trecho acima, fica evidente de que a língua pataxó nunca esteve morta, mas que por algum tempo ficou em desuso não porque quisemos.

Também, sabemos que para ser indígena não é preciso falar uma língua, mas que a língua é importante e nela guarda segredos.

A língua que falávamos antigamente, com certeza é da família de línguas Maxakali, pertencente ao tronco Macro-jê. Pois ainda hoje é possível fazermos comparação de sons e significados iguais entre as duas línguas. Podemos afirmar então que havia semelhanças não só nas linguagens, mas também nos costumes desses povos.

Através do trabalho independente de pesquisa por educadores e lideranças Pataxó, preocupados em afirmar suas tradições e costumes, em 1998, foram iniciados estudos mais detalhados da língua e o resgate de muitas palavras do vocabulário Pataxó, culminando com a ampliação desse vocabulário que inicialmente não passava de 200 palavras para um vocabulário de 2.500 palavras.

Depois de muito estudo passamos a chamar a nossa língua de patxôhã, que quer dizer: Pat, são as iniciais da palavra Pataxó; atxôhã é língua; xôhã é guerreiro. Ou seja, linguagem de guerreiro.

Esse trabalho, apesar de todos os avanços, está ainda em fase de desenvolvimento: na música, o uso do patxôhã, como é chamado o idioma Pataxó, já é uma realidade; no entanto, há ainda muito a ser feito para que o uso cotidiano também se torne efetivo. Mas se depender dos esforços dos educadores e das lideranças Pataxó empenhados na valorização de sua língua e cultura, em breve todos estarão se comunicando em patxôhã sem embaraços. (Inventário Cultural Pataxó, 2011).

No trecho acima fica claro que a língua patxôhã está em constante movimento, e que o seu uso entre os Pataxó tem sido uma realidade, nos cantos e no uso diário, e que há grande valorização principalmente dos mais velhos, dos educadores e das lideranças de forma que se torne possível, dentro em breve, que todo o povo possa se comunicar em patxôhã sem embaraços.

2.2 A importância do canto Pataxó na educação Indígena de Aldeia Velha

O presente trabalho surgiu a partir de minhas inquietações em relação ao ensino aprendizagem da língua patxohã. Apesar de meus estudos não terem se iniciado na escola indígena desde meus primeiros anos das séries iniciais, devido eu não ter convivido em aldeia desde minha infância, busco compreender os processos de ensino

dos cantos possibilitando o contado direto do uso da língua materna o (Patxohã). Entretanto, a minha formação familiar se deu na comunidade indígena Aldeia Velha onde meus filhos desde cedo já começaram a desenvolver o conhecimento e o uso da língua materna, não só no âmbito escolar como também em todo o contexto territorial da nossa comunidade.

Ao tomar contato com a tradução do canto, formulou-se hipóteses que fizeram com que houvesse uma compreensão da estrutura da língua, o canto pataxó tem sido uma ferramenta primordial para fazer contato com o processo de ensino aprendizagem da língua, o processo de ensino se dá desde que a criança desenvolve a fala, há uma ligação muito forte no berço familiar com o contexto da educação indígena, bem como na educação escolar indígena, na luta pelo território, nos momentos dos nossos rituais, festividades, agradecimentos e nos espaços da aldeia como um todo.

Com base na matriz curricular de educação do município de Porto Seguro disponibilizada para as aldeias, a disciplina de língua materna (patxohã) é ensinada duas aulas por semana com duração de cinquenta minutos, enquanto a disciplina de língua portuguesa é ensinada seis aulas por semana. É a partir desse ponto de vista e outros que se percebe o quanto o ensino da língua patxohã precisa-se ocupar mais espaços na educação escolar das comunidades pataxó.

Por esses motivos ressalto a importância de se trabalhar o canto abrindo leque para o aprendizado da fala, diante da busca constante do processo de criação e transformação dos cantos que estão sempre em processo de mudança, uma vez que a língua não é estática como a gramática que está sempre em fase de mudança, com a língua patxohã não é diferente.

Uns dos pontos positivos além de o uso dos cantos nos processos de ensino aprendizagem é que, depois de muitas lutas das lideranças junto com professores e gestores das escolas indígenas, fez com que a secretaria de educação reconhecesse incluísse a língua patxohã na matriz curricular, sendo uma aula avaliativa e aprovativa ou reprovativa, isso fez com que despertasse mais o interesse dos alunos quanto a responsabilidade de entender a importância e a significância de manter viva a nossa cultura, isso faz com que a nossa cultura se expande e ganhe espaço significativo nas nossas vidas, pois a nossa cultura é a nossa identidade.

Os cantos Pataxó têm sido muito importante para o nosso povo, é através dos cantos que vemos a evolução do nosso território percebemos isso nos nossos momentos da luta pelos nossos direitos, à educação, saúde e reconhecimento enquanto povo. O canto tem marcado momentos singulares nas nossas vidas, sobretudo da nossa afirmação e permanência na comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha. Isso é perceptível na fala de um dos meus entrevistados, o Ipê Pataxó em um dos seus relatos menciona o valor que esses cantos nos representam, que esses cantos vêm de uma raiz Pataxó foram cantos usados pelos nossos mais velhos e que é muito importante está lembrando as crianças qual o seu significado, cantos que aparentemente são simples, mas de grande importância para tornar visível a existência e permanência das famílias que estavam presentes no processo de retomada que se deu em Março de 1998. O Ipê ainda diz que: precisamos passar para nossos alunos a forma de como esses cantos eram cantados porque hoje usamos outra linguagem, ele se refere essa linguagem a língua Patxohã que tem inovado alguns cantos deixando de ser cantado na língua portuguesa para ser cantados na língua materna o Patxohã, isso graças aos nossos professores pesquisadores que juntos com outros estudiosos da língua vem trazendo essas contribuições muito ricas para as nossas escolas. Dentre esses professores podemos citar: Txaywã Pataxó, Raywã Pataxó, Eyhnã Pataxó.

Falar do canto Pataxó é viajar num universo sem fim, é viver toda beleza expressada no sorriso de uma criança, a professora da educação infantil Paryrimayná fala que: o canto transforma as crianças e só quem convive na sala de aula percebe essa grandiosidade que a música oferece e que o canto Pataxó desenvolve nessas crianças o respeito pelos nossos mais velhos, pela natureza e pelos próprios coleguinhas. E que através dos cantos as crianças aprendem muito mais. Esta é uma afirmação louvável porque quando tiramos nossas crianças da sala de aula após recepcioná-los e as levamos para uma roda de cantos a gente percebe o quanto elas apreciam esse momento vão se organizando na roda com muita alegria e logo que encerramos nossos momentos de cantos elas voltam bem mais revigoradas, alegres a participativos.

Vivenciamos vários momentos e gerações de alunos que concluíram o ensino fundamental na escola Indígena de aldeia velha e que já não estudam mais porque não temos o ensino médio na nossa escola, em entrevista com Pitoroco ele faz menção a esse momento de conflito com a escola ocidental uma vez que a realidade é totalmente diferente e convergente a realidade da educação Escolar Indígena, o mesmo diz que

sofreu um choque de realidade o que ele dizer que viver uma educação onde não se trata apenas de um prédio escolar e livros didáticos é viver tudo o que o cerca. É ter uma aula sobre seu próprio território, é estudar a natureza o canto dos pássaros, o som do maracá. É se conectar com o sagrado, e só nós conseguimos viver essa amplitude, de vê, ouvir, falar e cantar.

E ainda, Jacy Mayõ na sua fala vem trazendo relatos enquanto mãe de alunos o quanto ela sente falta dos filhos estudando na escola Indígena a mesma relata que era diferente, eles cantavam e entre se conversavam sobre o significado de cada palavra presente no canto que era cantado na língua Patxohã e juntos pesquisavam descobriam palavras e significados das coisas, dos seres, das pessoas e dos seus próprios objetos de uso escolar, a fala de Jacy Mayõ me trouxe alegria porque é dessa forma que as crianças vão aprendendo o significado de cada palavra que são expressadas através do canto e ao mesmo tempo perceber a falta de uma escola com o ensino médio e ela ainda conclui dizendo que gostaria muito que quando o filho mais novo concluíssem o ensino fundamental que já houvesse o ensino médio na nossa escola com risos ela fala que até ela concluiria seus estudos. O canto renova nosso modo de pensar nos eleva a reviver histórias de muitas lutas, forças e resistências vivenciadas pelos nossos antepassados, e que ainda hoje são resgatadas nas memórias das nossas bibliotecas vivas que são os nossos anciões que para nós pataxó são joias preciosas de muito valor.

Entendemos também que o canto além de trazer sua colaboração pedagógica no âmbito escolar o canto nos leva a refletir sobre o todo poderoso Tupã (Deus) através dos cantos percebemos e compreendemos todo segredo e simbologia escondido em cada verso e o Eyhnã Pataxó vem trazendo isso, ele fala que, para a gente cantar não é simplesmente pegar o maracá tocar e cantar, mas que tem um significado de uma espiritualidade por de trás de cada canto expressados e que dependendo do momento não se canta qualquer música, e que os professores da língua materna (patxohã) têm uma grande responsabilidade de está transmitindo esses valores e conhecimentos que são ensinados dentro da Escola Indígena.

É com base nas falas dos meus entrevistados que eu afirmo a importância da presença do canto Pataxó na prática pedagógica da escola Indígena Pataxó Aldeia velha, todos meus entrevistados me trouxeram colaborações e afirma ainda mais o meu modo de pensar em que o canto é uma ferramenta primordial para aguçar o prazer e a alegria

de aprender, aprender cantando, falando e ouvindo. Essa prática tem sido desenvolvida com mais afinco e exatidão não só pelos professores que lecionam a disciplina da língua materna (Patxohã) mas por todos que fazem parte do processo de educação por que para educar não se faz necessário está em uma sala de aula, educação Indígena se dá em todo âmbito territorial vai desde o berço familiar a nossos anciões, Pajé, cacique e lideranças todo momento é momento de aprendizado, é numa roda de conversa, num awê (dança Pataxó) numa luta conflitante com os nossos inimigos, e nos nossos momentos de alegrias e conquistas. O canto nos traz paz, confiança, segurança e conforto. É expressar-se com a alma e obter todo recurso necessário para sobreviver.

2.3. As entrevistas

2.3.1 Ipê Pataxó (Silvino Lopes do Espírito Santo)

Silvino Lopes do Espírito Santo, nome em português de Ipê Pataxó, é nascido na proximidade de Caráiva, distrito de Porto Seguro-Bahia, tem 64 anos e é uma grande liderança do nosso povo Pataxó de Aldeia Velha. Foi o primeiro cacique a usar os cantos no processo de demarcação do território da comunidade indígena Aldeia Velha, sobretudo na língua portuguesa porque não havia, até então a tradução para a língua patxohã (língua materna). Isso se deu no processo da retomada do território desta comunidade indígena em 09 de Março de 1998.



Figura 6 - Foto: Sameary Pataxó

Primeiro momento de entrevista com IPÊ

Ao chegar à casa do antigo cacique Ipê, ele me recebeu com muito carinho estava saindo do banho porque acabara de deixar a capina na roça. Então, começamos a conversar sobre algo muito precioso para nós, que são os cantos Pataxó e, que faz parte do nosso cotidiano. O Ipê começou a relembrar sobre os momentos difíceis que passou junto com aproximadamente 16 famílias dentre essas meus pais e meus irmãos, foi um momento tenso e intenso o qual eles tinham que ficar a noite toda acordados porque o suposto fazendeiro mandava os capangas armados, então as estratégias que eles usavam era passar óleo queimado em todo o corpo para espantar os maruins (mosquitos do mangue) acender fogueira e passar a noite toda acordados cantando, para que os capangas soubessem que as pessoas estavam acordadas.

De início eles eram assistidos pela FUNAI, (Fundação Nacional do Índio) com algumas alimentações que eram a jabá, a fubá de milho e óleo, com tempo as coisas foram ficando difíceis e o alimento começou a faltar, meus pais e meus irmãos comiam polenta de fubá com óleo de dendê que meu pai tinha a prática de extrair, as casas eram feitas de palhas de coco, a cama era um jiral (tarimba) como é chamado na língua Patxôhã feita da palmeira chamada Pati.

Então eles saíram da parte baixa onde fora feita a retomada e se mudaram para a reserva, pois quando chovia alagava tudo, eles ficavam sem recursos, pois até a água de se bebê faltava, porque o único poço que tinha água mais ou menos limpa era tomado pela água do rio o qual faz divisa com a Aldeia, quando chegaram à reserva encontrou um córrego de água doce a qual era usada para o consumo, passaram se um período de oito meses decidiram então tomar posse da sede onde moramos hoje.

Sameary: Qual importância que os cantos usados no processo de retomada representam para você?

Ipê Pataxó: Meu nome é Silvino Lopes do Espírito Santo nome indígena Ipê Pataxó, sou morador de Aldeia Velha, tenho 64 anos, a importância desses cantos é porque todas essas músicas faz sentido pra nós, que nos mostra a natureza, os pássaros, as plantas, a chuva e os animais.

Essas músicas foram usadas pelos antigos, os mais velhos, e muitas vezes essas crianças que cantam essas músicas nem sabem o que elas significam para nós, e já foi uma raiz antiga que foram usadas pelos mais velhos só que, hoje muitas são cantadas na língua do patxohã mas não tem problema não, quanto mais eles saberem os significados melhor ainda. Então, quando for cantar na tradução do patxohã que faça antes uma roda de conversa explicando o valor que essas músicas representam,

Segundo momento da entrevista com Ipê

Ao me deslocar indo a casa de Ipê, observei que a janela da sua casa estava aberta, era tarde, pois eu havia encerrado o trabalho às 17hs, 20/08/2019, sair numa expectativa de poder ouvi-lo pela segunda vez, o mesmo estava trabalhando meia hora depois ele chegou e eu estava lá a sua espera, o cumprimentei e o disse a minha intenção de está ali, fui muito bem recebida o Ipê tem muita boa vontade de colaborar no que lhe é cabível, colocamos um banco de madeira no quintal onde ficamos por um período de tempo muito bom, falamos sobre todo o processo que o mesmo trilhou para a conquista de está aqui e sobre sonhos que ainda pretendem realizar.

Sameary: Ipê, eu gostaria que você falasse um pouco sobre sua trajetória, local de nascimento, dificuldades encontradas no processo de retomada da TI Aldeia Velha, desafios e conquistas.

Ipê: Veja bem, a região em que eu nasci foi na região de Caraiva vizinho da Aldeia Barra Velha, á margem do Rio Norte, porém eu não nasci na cidade de Caraiva foi dentro da mata mesmo. Então de lá para cá aos meus 19 (dezenove anos de idade) eu vir para o Arraial D`ajuda, passado algum tempo eu voltei para casa dos meus pais, depois voltei para Arraial D`ajuda de novo seguindo destino para uma cidade chamada Itabela aqui na Bahia.

Fiquei morando nesta cidade uns 16 (dezesesseis anos) após os 16 anos eu fui morar na Aldeia Coroa Vermelha, fiquei por lá com os caciques e comecei a trabalhar com vendas de artesanatos com os outros índios da comunidade.

Daí veio na minha mente que eu poderia fazer um trabalho para beneficiar os índios que viviam fora da aldeia que se dar o nome de índios desaldeados e aí o que aconteceu, fiz essa caminhada por mais de um ano.

Comecei em 1992, e no ano de 1993 fizemos a 1ª retomada, na época eu juntei um grupo seguramente de 20 famílias, de repente a gente foi questionar o direito da nossa terra pois todos sabem que essa Aldeia é antiga.

Pois aqui já viviam índios, o que aconteceu foi que os fazendeiros chegaram tiraram os índios e passaram a dizer que eles eram os donos da terra, mas os índios já eram donos desse território, aí o que, eu fiz uma pesquisa na área encontrei muitos vestígios das coisas antigas casas, fogão, fornos, caco de panelas de barro que deu para confirmar que realmente aqui era uma aldeia muito antiga.

Então eu fiquei no período de 1992 á 1993 organizando essa questão nesse mesmo ano eu fiz a 1º retomada nessa mesma localidade que é aqui Aldeia Velha, porém o fazendeiro que vivia aqui entrou com uma liminar e nós conseguimos ficar só um mês aqui.

Não foi falta de organização minha e sim falta de apoio da FUNAI (Fundação Nacional do índio) porque na própria FUNAI em Brasília tinha uma advogada latifundiária que fez uma certidão negativa declarando que, até aquela presente data não havia presença de índio nesse local.

Que nunca tinha existido índios aqui no sul da Bahia, por esse motivo a certidão negativa foi parar nas mãos do fazendeiro o que enfraqueceu a nossa permanência

aqui, então veio um funcionário da FUNAI apelidado por Marinho que fez a negociação com o suposto fazendeiro e conseguiu expulsar a gente da terra.

Porém minha organização estava muito boa e forte, logo após essa liminar ficamos um período de 1993 á 1998 a partir dessa data fizemos nova retomada, só que aí nós já estávamos mais organizados e outras instituições entraram na questão porque eu fiz parceria muito boa e eles não conseguiram nos tirar.

Estava conosco o pessoal do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) da ANAÍ, (Associação Nacional de Ação Indigenista), tínhamos outros parceiros também que eram indígenas que já tinham conhecimentos da questão, então nós começamos a articulação e firmamos a retomada em 1998.

Nesse período eles não conseguiram êxito com a gente porque entramos com três (3) advogados, 1(um) procurador e também representantes da (POM), segundo Ipê é uma entidade formada pelos próprios índios localizado em Brasília) que estava acompanhando o movimento e segurando essa questão, ainda assim o fazendeiro que dizia ser o dono dessa terra levantou três (3) liminares para colocar a gente fora da terra mas não conseguiram.

Pois esse foi um pensamento que eu tive, que geralmente os índios tinham que ocupar suas áreas, seus espaços porque a terra é deles, por esse motivo eu cheguei até aqui e estamos até hoje, porque a gente tem que ter conhecimento, boa vontade e fazer o trabalho.

Isso não serviu só para mim, mas para muitas famílias pela qual iniciamos seguramente no total de 14 famílias, e hoje nós estamos com uma população de aproximadamente 1500 pessoas entre crianças e adultos, então foi um trabalho de muitas vantagens.

Porque esses índios que viviam fora da Aldeia, muitos pagando aluguel hoje tem suas próprias casas, não é só por isso, é que eles tinham que manter seus costumes, tradições e suas culturas tradicionais, essa era minha preocupação. Pensando nisso foi que eu tomei a iniciativa de formar essa Aldeia.

Porque o índio sem cultura não são vistos como índio e morando fora da aldeia ficam muito fracos, vemos índios por ai sendo discriminados, então se a gente mora

dentro da aldeia, praticamos nossas culturas, nossos costumes as pessoas brancas olham diferente para nós.

Então com esse trabalho comunitário que eu fiz, me tornei cacique que é uma liderança maior da comunidade, contando com apoios de um grupo de lideranças que são formados de pelo menos 10 a 15 pessoas e com o apoio de toda comunidade, atuei durante os anos de 1998 á 2008.

Depois passei a oportunidade a outros parentes que também queriam dar continuidade a esse trabalho, aí eu me afastei um pouco mesmo não sendo mais cacique estou sempre contribuindo com os caciques atuais, sendo representante do quadro de liderança.

O resultado dos nossos esforços é esse, essa população que temos hoje, eu espero que os índios que aqui estão preserve cada vez mais a nossa cultura, porque para estarmos aqui hoje passamos por muitas dificuldades, primeiramente, não tínhamos condições financeiras.

Naquela época a gente ia socializando o pouco que tínhamos com os outros, pois quando viemos pra cá, primeiro ficamos na parte baixa da aldeia á margem do Rio Buranhém fizemos ali uma pequena roça comunitário mas quando chovia alagava e a gente perdi o que havíamos plantado.

Percebendo que não tinha condição de permanecer nesse local, decidimos mudar para outra área que era na mata, que o fazendeiro para nos intimidar colocou fogo, então usamos esse lugar para fazer novas plantações. Fizemos duas cabanas uma para reunião e outra funcionava como escola.

Fomos levando a vida simples no nosso dia a dia, depois de um ano e meio de luta, colocamos o fazendeiro para fora e ocupamos a sede onde moramos hoje, porque é aqui que é nossa localidade, hoje temos escola, posto de saúde, água retirada do poço artesiano, energia elétrica.

Foi muito difícil para hoje a gente ter isso tudo, foram muitas lutas mas conseguimos e acredito que iremos conseguir muito mais, porém ainda tem um grande problema que está pegando para nós indígenas, é que o governo não quer liberar a documentação das nossas terras.

Todos os trabalhos já foram feitos, estudo da terra publicado no diário oficial da união e temos nossos próprios limites de terra que a própria FUNAI acompanhou essa medição, só que a documentação final a gente não tem que é a homologação da nossa terra é uma falta de vontades desses governos.

Então é isso que ainda está preocupando a gente, precisamos está mais unidos caciques, comunidades e lideranças, porque os processos das terras já estão bem adiantados o que está faltando só é esse detalhe que é muito importante para nós, homologação das nossas terras.

2.3.2 Jacy Maiõ (mãe de aluno)

Jacy Maiõ, cujo nome em português é Maria de Fatima Santos Bomfim, tem 37 anos de idade e é moradora da comunidade Indígena Aldeia Velha. Mãe e liderança ativa dos movimentos internos da Aldeia e faz parte do grupo de apresentação cultural Pataxó. Minha decisão em entrevistá-la é porque ela como mãe pode falar sobre a importância de se ter uma escola indígena diferenciada, dentro do TI e com ênfase no ensino da língua do nosso povo. Outra questão é como ela vê a mudança quando os jovens saem da escola indígena e vão para a escola não indígena.



Figura 7 - Foto: Jacy Mayõ

Entrevista feita com Jacy Mayõ: Maria de Fátima Santos Bomfim.em 19/08/2019

Sameary : Jacy Mayõ, no seu ponto de vista, porque é importante ter uma escola dentro de uma comunidade indígena?

Jacy Mayõ: Meu nome é Maria de Fátima Santos Bomfim, tenho 37 anos de idade, moro aqui na comunidade indígena Aldeia Velha desde 1999, tenho três (3) filhos, sou liderança, faço parte do conselho da saúde indígena, participo da cultura eu e meus filhos.

Eu adoro participar da cultura, adoro mesmo, eu e meus filhos estamos sempre envolvidos nas atividades culturais, fazemos parte do grupo de apresentações o qual sempre está saindo para se apresentar nas instituições, fazemos intercâmbios que é uma atividade de interação com outras aldeias vizinhas, estamos sempre fazendo uso da língua em nossa casa para reforçar mais nosso conhecimento.

E a importância de uma escola dentro da nossa comunidade é que, nossos filhos já começam a estudar desde os quatro (4) anos de idade já participando de uma aula diferenciada que é o patxohã (nossa língua materna), então os professores ensinam tudo sobre a cultura, sobre nossos antepassados, nossos mais velhos, sobre nossa crença na cultura, nossos costumes, a dança e a pintura e é muito importante esses cantos.

Tudo isso é ensinado dentro da escola da nossa Aldeia, é uma disciplina diferenciada que só nós indígenas temos e, isso é muito importante para eles, porque eles cantam e chegam em casa fazendo perguntas sobre os significados das palavras e a gente vai pesquisar juntos, qual o significado de cada palavra, e ajuda eles aprenderem cada vez mais.

O canto ensina eles respeitarem as pessoas, os mais velhos, a natureza e a Niamisũ (Deus) então o canto resgata um pouco disso, a partir do canto eles fazem pesquisa porque cada palavra tem seu significado, então o canto ajuda muito nesse

processo de aprendizagem eles conseguem falar melhor, resgatar e pesquisar, buscam cada vez mais aprender.

Temos jovens que já criam seus próprios cantos, eles buscam as palavras no patxohã (língua materna) e conseguem criar esses cantos pra eles mesmos. Eu gostaria muito que meus filhos estudassem o ensino médio dentro da Aldeia, porém, por enquanto não temos o ensino médio aqui, meus filhos mais velhos só estudaram até o nono ano do fundamental II e teve que estudar na escola fora da Aldeia.

Com isso, eles acabam perdendo um pouco dessa cultura, porque lá é uma realidade diferente dos costumes que nós temos aqui, ainda tenho um filho pequeno com 11 anos de idade que ainda estuda aqui na nossa escola indígena e eu gostaria muito de que quando ele passar para o ensino médio já tivesse implantado aqui, para que ele não precisasse sair pra estudar fora.

Isso seria muito importante para eles para que não venha acontecer com ele o que está acontecendo não só com os meus filhos, mas com todos os jovens que precisam concluir seus estudos, isso seria muito bom, até pra mim mesmo que ainda não terminei meus estudos, e eu preciso concluir o ensino médio, se tivesse aqui, eu ia pensar em terminar meus estudos (risos)

2º Momento de entrevista com Jacy Mayõ. Maria de Fatima Santos Bomfim, 20/10/2019

Sameary: *O que podemos ensinar o aluno através do canto, quais os elementos culturais que acompanham o canto no processo de ensino aprendizagem e na espiritualidade.*

Jacy Mayõ: *No ensino para com os alunos o canto Pataxó é muito importante o professor na sala de aula cria os cantos as vezes na língua portuguesa depois fazem tradução para a língua materna (patxohã) então os alunos vão aprendendo a desenvolver o conhecimento através do canto e isso se da no toque do maracá, na batida do pé, no ritmo, na melodia tudo isso é uma forma de aprendizado muito importante dentro da sala de aula, com isso eles vão aprender sobre sua cultura e a*

escrita do Patxohã eles vão aprender o que é a natureza, os nomes dos animais, das frutas, das árvores, nomes das pessoas, dos objetos usados em sala de aula.

O lápis, caneta, cadeira, borracha, entre outros matérias que são utilizado no cotidiano as dependências da escola como o banheiro, secretaria, cozinha e as salas de aula, e nomes dos próprios colegas então eles vão dando nomes a tudo eles desenvolvem muitos trabalhos e é uma maneira de eles aprenderem cada vez mais.

Na nossa espiritualidade é tudo o que aprendemos com os nossos anciãos, nossos antepassados, pais e avôs da nossa comunidade então são coisas que aprendemos com eles, o povo pataxó tem esse convívio e resgatamos esses cantos com eles é uma coisa muito forte, que sentimos muitos dos resgates e da criação dos nossos cantos vem através dos sonhos.

A gente está aprendendo a buscar histórias dos nossos antepassados e passar para nossos filhos, nossos alunos e para todas as crianças da nossa comunidade então, isso para nós é uma coisa muito rica de a gente está sempre lembrando e não deixar acabar.

Esse sentimento espiritual que a gente sente quando estamos em um momento de awê (dança Pataxó) dos momentos dos nossos rituais com uso dos incensos, com a nossa pajé é uma coisa que a gente sente naquele momento, a gente sente e não consegue esquecer.

Quando estamos numa roda de awê (dança Pataxó) a gente sente se os nossos antepassados estão ali com a gente passando energia, sabedoria passando tudo o que precisamos aprender para passar nossos alunos, filhos e comunidade.

2.3.3 Pitoroco Pataxó

Aos 15 anos de idade, faz parte do grupo da cultura Pataxó, é ex-aluno da Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha onde estudou do ensino infantil ao 9º ano. Minha decisão em entrevistá-lo é porque ele representa uma geração que durante toda sua trajetória escolar, teve contato com o ensino da língua Patxohã.



Figura 8 - Foto: Pitoroco Pataxó

Sameary: No seu ponto de vista, a música facilitou no desenvolvimento da fala cantando na língua patxohã?

Pitiroco: Boa tarde meu nome é Saimom, nome indígena Pitoroco, tenho 15 anos estudo atualmente no colégio Estadual ACM, (Antônio Carlos Magalhães) fora da Aldeia, estudei na escola indígena Pataxó de Aldeia Velha desde meus 4 anos até meus 14 anos de idade.

Não estudo mais na escola indígena porque não tem o ensino médio na minha aldeia, a importância de está cantando na língua patxohã é que a gente pode está fazendo pesquisa através dessas músicas com os professores, anciãos e outras pessoas ligadas a cultura.

Criar relações culturais com outros povos, fazer apresentações e interagir as crianças para que entendam que elas precisam daquilo pra demonstrar suas relações e uma concepção de que precisamos mostrar que somos indígenas e que estamos presentes na sociedade brasileira, e sermos reconhecidas como um povo indígena e humano, pois o tempo todo somos discriminados.

A língua pataxó e as músicas me ensinaram muito na forma de aprendizado porque desde pequeno os professores passavam atividades de jogos e brincadeiras que facilitavam minha aprendizagem.

Ao sair da escola indígena eu percebi uma diferença muito grande porque na escola ocidental eles ensinam outros assuntos que são muito diferentes dos ensinamentos da Aldeia e isso me fez uma falta muito grande, estou cursando o 1º ano de ensino médio e estou sofrendo um choque de realidade devido os assuntos serem bastante diferentes da realidade da escola indígena.

Sameary: *Qual a importância do canto no ensino aprendizagem dentro da escola e o que podemos ensinar através do canto?*

Pitoroco: *É...bom, o canto para o povo Pataxó dentro das escolas indígenas é muito importante, porque ensinam as formas culturais e histórias que são passadas através dos cantos, ensina sobre o valor da cultura, que significa muito não só para o povo Pataxó mas para todos que tiverem acessos aos seus reais valores que vão muito além de simplesmente cantar. É se conectar com os espaços sagrados, sentir e perceber a beleza existente na nossa casa que é a nossa mãe natureza, nela está contida todas as fontes de energia e de sabedoria que, foram enterradas com nossas bibliotecas que são os nossos anciões.*

Através do canto podemos dialogar com os nossos ancestrais nos nossos espaços sagrados, quer seja no momento de nossos rituais, nos nossos momentos de pescas, caças, plantio e o preparar do solo também, o canto se faz presente nos nossos momentos de enfrentamentos e combates para com nossos inimigos.

Ainda podemos ensinar através dos cantos o respeito e carinho pelos nossos mais velhos que são os nossos berço de sabedoria da nossa comunidade e esses valores são muito presente dentro da nossa escola indígena.

Sameary: *Quais os elementos culturais que acompanham os cantos no processo de ensino aprendizagem?*

Pitoroco: *são os nossos adereços o maçaká (colar indígena) a tupsay, o cocar, o arco, a flecha. Os adereços feminino que são: o top, brincos confeccionados com penas, juntamente com as utilidades dos instrumentos que nós usamos, dentre esses*

temos o maracá que é um instrumento sagrado o qual carrega muitos valores e um peso cultural e espiritual muito grande, nós aprendemos com os nossos mais velhos a fazer e cada um tem o seu e nesse momento eles estão colocando nas nossas cabeças todas ciências e sabedorias, não é difícil aprender a fazer e quando a gente aprende a fazer realmente da nossa forma o nosso próprio maracá a gente entende que o maracá carrega sua própria personalidade emitindo sons diferentes e tem uma aparência diferente também, nele é revelado cada personalidade e que são usados só pelos povos indígenas. Também temos um elemento muito forte que é o nosso corpo, é através dele que nós desenvolvemos nossas práticas de ensinamentos, é o pisar no chão e sentir os sons emitidos com os seus próprios pés o que torna o nossa awê (dança Pataxó) mais significativo e eu não vejo um elemento mais rico do que o nosso próprio corpo. É o abrir da boca e cantar permitindo que nosso espírito se conecta com o sagrado é você ensinar cada passo que desenvolvemos gesticulando e embelezando cada canto e expressando sentimentos e quem está de fora nos assistindo consegue perceber a grandeza e toda beleza transmitido por cada corpo presente nas rodas do awê.

Sameary: *O que tem a ver o canto na questão do território e da espiritualidade?*

Pitoroco: *no canto são colocados nossos valores e costumes crenças e tradições, então quando se coloca todos esses valores dentro do canto desenvolve a questão da espiritualidade, mostrando o que são praticados e sabemos que não existe espiritualidade sem o território, o território representa todo contexto da nossa comunidade não está relacionado apenas em uma expansão de terra, mas, o lidar com o solo, o conectar-se com a natureza é você ouvir os sons dos pássaros, é o cuidado com as nossas nascentes com a flora e a fauna existente na nossa comunidade indígena,*

É você sentir a presença dos nossos antepassados que mesmo não estando presente corporalmente, eles estão presentes nas nossas memórias e, quando nós precisamos de forças e proteção são eles que vem para nos proteger e nos dar ânimos,

Então, tudo o que nos praticamos estão ligados a divindade e nossas ancestralidade e geralmente nós cultuamos que é o nosso Deus maior, e isso que eu acabei de citar tudo o que envolve o território está ligado a espiritualidade, aqui na comunidade de Aldeia Velha existe um ponto de referência que é o sambaqui (cascas

das ostras) umas das tradições que nossas ancestrais nômades faziam que era a pesca de mariscos, eles comiam e jogavam os vestígios ali num determinado lugar.

E, nos nossos cantos são colocados a existência desse fósseis históricos e que agrega muito valor do território e da existência do nosso povo pataxó na comunidade indígena de Aldeia Velha, é através dos nossos anciões que nós conhecemos a nossa história porque eles nos transmitem toda sabedoria e que nos ensinam e nos dá voz e isso é muito forte dentro da nossa Aldeia.

2.3.4 Parirymaná

Parirymaná tem 52 anos de idade e é professora da educação infantil desde 2001 até os dias atuais. Minha decisão de entrevistá-la é por que ela tem acompanhado os processos de ensino e aprendizagem educação infantil ao ensino fundamental.



Figura 9 - Foto: Parirymaná

Entrevista feita com Parirymaná, Marialva Dias dos Santos,

Sameary: Qual é a importância do canto Pataxó dentro da Escola Indígena no processo de ensino aprendizagem e o que podemos ensinar o aluno através do canto?

Parirymaná: Eu sou Parirymaná, Marialva Dias dos Santos tenho 52 anos de idade atuo na Escola Indígena Aldeia Velha desde 2001, acompanhei vários processos de desenvolvimento da Escola, quando iniciei o processo de alfabetização foi em uma farinheira (casa de fazer farinha) depois passamos para a casa do cacique Ipê e

retornamos mais uma vez para a farinheira até construir nossa primeira salinha. Assim que a escola cresceu, com a demanda de alunos houve também o processo de eleição para eleger uma diretora a qual eu fui contemplada, atuando entre o período de 2009 a 2011.

Ser professor não é apenas entrar em uma sala de aula, e sim ser uma verdadeira liderança, é está junto com a comunidade, é fazer parte de todo contexto histórico da sua comunidade e de seu povo, é ter uma visão ampla do que é uma verdadeira educação e está disposto em colaborar de alguma forma.

O canto entra em movimento e mexe com todos os aspectos dentro da pessoa, do ser humano, quando se trabalha com um adulto ele passa a ter uma integração melhor com os colegas e professores.

O aluno começa a perder o medo de falar, de se apresentar e participar das aulas, e na educação infantil, nem se fala, sem o canto eu acredito que não haveria uma aprendizagem satisfatória, porque o canto é amplo, entra em todos os contextos, na coordenação motora, nos movimentos em si, a integração da criança com o canto é muito grande.

Através do canto a criança mostra sua expressão corporal e visuais, principalmente quando é um canto que eles gostam, que leva eles ao encontro que eles querem e o que eles realmente buscam, porque a criança busca brincar dentro da sala de aula, porém nós cantamos não só para eles brincarem, e sim para eles ouvirem, para falar, cantar, eles ouvem para aprender.

O canto se torna uma ferramenta de aprendizagem, porque de acordo você usa esse canto contextualizando fazendo com que a veja em cada estrofe um significado, essa criança vai desenvolver de uma forma maravilhosa e terá um futuro brilhante, a criança vai aprender o que é uma espiritualidade naquilo que o canto passa principalmente quando envolve a nossa cultura.

Dentro da educação infantil nós fazemos a oração na língua Patxohã(língua materna), fazemos músicas, diálogos em rodinhas de conversas e usamos também outras músicas dos livros didáticos que eles adoram cantar e brincar, então tudo isso faz a integração da criança e leva a aprendizagem.

E o que podemos ensinar a criança através do canto Pataxó? Tudo! a música é tudo, o canto é tudo, leva a criança a avançar em todos os aspectos, porque as vezes as pessoas pensam que a música é só para brincar , dançar, movimentar os braços, o corpo, não só, através da música a criança vai percebendo seu corpo, é incrível quando a gente está cantando com as crianças a gente percebe a maneira dela agir.

E o canto transforma essas crianças, só quem convive com elas em sala de aula percebe toda essa grandiosidade que o canto oferece, principalmente quando é um canto que eles mesmos escolhem, a gente dá a criança a oportunidade de elas escolherem o canto que elas querem cantar, vão longe e aprendem muito mais.

E além de tudo o canto Indígena o nosso canto Pataxó a criança desde pequena desenvolve um processo muito interessante em relação ao respeito quando se trabalha com a crianças desde seus 4 ao 6 anos dando seguimentos nas séries seguintes, ela terá outro entendimento, o respeito para com uma pessoa idosa, sobre a espiritualidade do seu povo, pelo canto, a oração, a natureza e todos os elementos que compõem o nosso território.

E essa educação não se dá apenas dentro de quatro paredes, dentro de uma sala de aula, e sim no berço familiar onde elas têm seus primeiros contatos, uma linha espiritual de respeito, isso faz com que a criança, os jovens e até mesmo os adultos possam refletir sobre o Deus criador, sobre a natureza, as plantas, os animais, esse conjunto de elementos desenvolvem o intelectual da criança e o cultural é excelente.

Sameary: *Quais os elementos culturais que acompanham o canto no processo de ensino, o que tem a ver o canto na questão do território e da espiritualidade?*

Parirymaná: *Em todos esses processos culturais nós temos vários elementos que acompanham e compõem o canto, temos o maracá que é um instrumento sagrado, é um instrumento que faz o som da música, o bater do maracá não é simplesmente pegar o maracá e bater, vai muito além é conhecer toda a espiritualidade que apresenta no momento em que emite o som.*

Nós temos a pintura e suas simbologias, desde os traços a cor que você escolhe a depender do momento em que estamos inseridos, há diferença quando você se pinta para nossa festividade cultural para com um momento de embate e enfrentamento, também para se apresentar, no caso de a jokana (mulher) e o kakusù (homem) ser

casado ou solteiro, há uma simbologia muito forte dentro da nossa pintura que é nossa primeira pele.

Temos o cocar que também diferem muito, do cacique que é uma liderança maior para com o de um kitôk (menino) e para de uma kitôk îhé (menina) a diferença está no tamanho do cocá e na colocação das penas que ficam centralizado,

O tupsay (tanga) nossa vestimenta que é usada nos nossos momentos de dança, e quando precisamos sair para a luta o masaká (colar) que é nosso adereço que também tem suas simbologias seus segredos desde o momento de colher a semente, porque depende da época para sua colheita.

Todos esses elementos formam um conjunto que é de extrema importância para compor a nossa musicalidade, é o pisar no chão, na terra, é sentir o terreno sagrado, é ouvir os cantos dos pássaros, é se inspirar, se envolver e desenvolver-se nesse nosso território fantástico e de grandes belezas.

2.3.5 Haywã Pataxó

Haywã Pataxó, 30 anos de idade, atualmente reside na Aldeia Trevo do Parque Itamaju Bahia, minha decisão de entrevistá-lo é que além de ela ser um dos primeiros professores a leciona a língua patxohã na Escola Indígena Aldeia velha é um dos professores que escreveu vários cantos na tradução da língua portuguesa para a língua Patxohã (língua Pataxó)



Figura 10 - Foto: Raywã Pataxó

Entrevista feita com Raywã Pataxó: Ronald Goivado dos Santos na FaE (Faculdade de Educação) no Jardim Mandala em 13/05/2019

Sameary: Qual a importância da música no ensino aprendizagem dentro da Escola e o que podemos ensinar o aluno através do canto Pataxó, o processo de criação dos cantos.

Raywã: Boa tarde, meu nome é Ronald Goivado dos Santos, tenho 30 anos de idade, nascido na cidade de Itabuna Bahia. Eu comecei a lecionar em 2006 como professor de patxohã na Escola Indígena de Aldeia Velha através de um processo seletivo, e por eu já ter concluído o ensino médio eu fiz essa prova e passei.

E por ter mais habilidade na língua patxohã eu comecei trabalhar nessa disciplina nos anos de 2006 a 2007, lembrando que em 2014 aconteceu algo muito importante na minha vida, conseguir passar no vestibular de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FaE) Faculdade de Educação UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, dando início em Setembro na turma da matemática.

E conclui o curso de graduação em março de 2018, atualmente trabalho na escola Guaxuma desde o ano de 2018, sou residente do Trevo do Parque município de Itamaraju e, sou professor de patxohã.

Na questão da educação Escolar Indígena o canto Pataxó é uma metodologia para nós introduzirmos a cultura que os nossos mais velhos deixaram para a gente manter. A valorização do ser indígena e todas as suas atribuições é o que o canto Pataxó representa para nós. Na acolhida, nas aulas, é uma metodologia que usamos nas escolas, inclusive a que eu trabalho, é um dos momentos mais importantes que usamos com as crianças.

Para que as crianças criem hábitos não só para elas não esquecerem, mas para que aprendam o real sentido do que são transmitidos através de cada palavra que escrevemos em um canto, pois ali entra também a questão da nossa linguagem, através do canto podemos ensinar como uma metodologia para alfabetizar com eficácia.

Você vai está ensinando o aluno a questão do território e como defendê-lo, a se manifestar pelo território, a se conectar com os espíritos dos nossos mais velhos para

manter sua tradição, a questão da preservação da natureza, sem contar as inúmeras disciplinas que podemos ensinar através do canto.

Geografia, história, linguagem, artes, ortografia, matemática, tempos verbais enfim infinitas coisas que temos dentro do nosso próprio território, e o canto é uma excelente metodologia, e temos os elementos culturais que acompanham e que são inúmeras porque a cultura indígena tem diversidade de elementos culturais.

Um dos principais elementos que a gente vai está sempre utilizando é o maracá, adornos e adereços que dependem do momento e da situação para estarmos usando, podemos falar da culinária no canto, dos nossos adereços como falamos do wrataká baixú(cocar bonito) podemos falar das diversidades naturais que é uma tradição nossa da riqueza da nossa mata atlântica, então , esses são um pouco dos elementos principais que vem acompanhando as diversidades dos nossos cantos.

Sameary: *O que tem a vê o canto pataxó na questão do território e da espiritualidade?*

Raywã: *Como eu iniciei falando sobre a espiritualidade, eles sempre serão lembrados porque o povo pataxó é um povo que foi o único a resistir e permanecer em seu território, mesmo em constantes lutas para reafirmar nossos territórios é um povo que sempre faz questão de lembrar nos seus cantos o quão sofrido foi passar por diversas situações mas sempre permanecer em seus territórios.*

Então o território é muito sagrado para nós e sempre será falado nos nossos cantos e estará sempre marcado nos nossos cantos sagrados desde os antigos até os atuais, e a espiritualidade é isso, é sempre está conectado com esses cantos com seriedade e poder viajar no tempo e vê que os nossos ancestrais lutaram a centenas de anos atrás pela luta do território para está preservado hoje para os mais novos.

E essa geração mais nova darão essa continuidade de luta e resistência e se conectando través da natureza que é a nossa maior riqueza, para que nunca se perca tudo o que foi conquistado até hoje e para que, quando os mais jovens forem lutar possam seguir com a mesma coragem e determinação.

Minhas práticas são sempre usadas no cotidiano para criar esses cantos, por exemplo, para a gente criar um canto não precisamos ir muito longe, dentro da nossa

própria comunidade existe algo que vai nos trazer inspiração e nos incentivar nesse processo de criação, as matas, os rios, os campos das nossas aldeias, os anciões, porque muitas vezes a gente vai passando nas casas e vê as rodas de conversas dos nossos mais velhos e aquilo nos instigam a criar uma música.

Ao homenagear os nossos anciões por tantas lutas pelo nosso povo, as vezes você vai na mata e vê as diversidades que tem a nossa natureza, essa preocupação com a preservação que nós pataxó temos e isso me instiga a tá criando as músicas que são sempre voltada a preservação e eu falo isso nas minhas músicas.

Essas são as práticas que eu adoto, é eu caminhar no meu território, ouvir o território é sentir ele, são essas as práticas adotadas para criação das músicas, elas podem ser feitas diretamente na língua patxohã sem ter que precisar usar a língua portuguesa, é claro que vai variar se eu tiver todas as palavras que eu precisar para criar essas músicas com o tema que eu quis criar, por exemplo:

Eu quis criar uma música em homenagem aos pássaros. Por exemplo, pelos seus cantos bonitos, ela se chama “Giktaiá petoĩ”, aí eu tive todas as palavras para criar esse canto, então eu já faço diretamente na língua patxohã, e vai ser cantada dessa forma, mas se não tem e tiver que a gente cantar toda na língua portuguesa a gente vai cantar e vai ser homenageada do mesmo jeito, porque tenho músicas que eu fiz e por não ter todas as palavras no patxohã ela ficou assim mesmo na língua portuguesa, e são músicas que tem significados de guerra, luta e história do nosso povo, vai ter que ficar no português, algumas passam por tradução, depois quando eu vou encontrando as palavras sinônimas que poderá ser substituída, eu troco e consigo encaixar naquela melodia para ser cantada por todos.

2.3.6 Eyhnã Pataxó

Eyahã Pataxó é morador da comunidade Indígena Aldeia Velha, decidi entrevistá-lo porque é professor e liderança da nossa comunidade onde atuou dando aula da língua materna (Patxohã) durante oito anos, atualmente professor de outras disciplinas, e que também trabalha no processo de escrita dos cantos.



Figura 11 - Foto: Eyhnã Pataxó

Entrevista feita com Eyhnã Pataxó, 03/10/2019

Sameary: Qual é a importância do canto pataxó no ensino aprendido dentro da escola, e o que podemos ensinar o aluno através do canto:

Eyhnã: Meu nome é Eyhnã Pataxó moro na comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha, hoje estou professor da disciplina de história, porém, fui professor da língua materna (Patxohã) durante oito anos, o ensino aprendido através do canto dentro da escola pra gente é de grande importância e isso vem sendo empregado dentro das escolas Indígenas das séries iniciais ao ensino médio.

Isso é de grande importância para nós, o primeiro contado que a criança tem com a língua é através do canto, na oralidade que são passados não só dentro da escola, mas também no seio familiar e na comunidade. Então, uma coisa que a gente sempre vai falar é essa preocupação que os mais velhos têm, para que isso venha fortalecer essa questão da música.

Porque para a gente cantar, não é só simplesmente cantar, não é só pegar o maracá tocar e cantar qualquer música, toda música tem uma simbologia, um significado e tem uma espiritualidade por de trás. Em que estamos levando o conhecimento da língua, o conhecimento do território, da espiritualidade, da ancestralidade, da medicina tradicional e que muitas vezes fica mais a cargo dos professores da língua do Patxohã, quando se fala da questão do canto isso daria uma disciplina somente para está trabalhando com os alunos das escolas Indígenas né...

Porque a gente vai trabalhar a questão da simbologia o que representa aquele canto, do que ele está falando, e muitas delas são cantadas na língua portuguesa outras são cantadas na língua materna que é o Patxohã. Esses cantos têm uma espiritualidade muito forte em que os mais velhos nas suas épocas de lutas pelos seus territórios cantavam, e era um momento deles tá pedindo fortalecimento espiritual para os encantados da floresta. Para que os encantados viessem os proteger naquele momento de luta e embate que eles estavam tendo.

Então, hoje com as novas cartilhas na língua do Patxohã, nós já temos essa aproximação maior de está compondo essas músicas na língua portuguesa mais também na nossa própria língua mãe, nossa língua materna (Patxohã) podemos trabalhar as disciplinas dentro da nossa própria musicalidade. É nos cantos e nas danças.

É assim que podemos ensinar nossos alunos, através do canto, os meses do ano, os nomes das frutas, dos animais, dos adereços usados nas nossas festividades, os alimentos, os instrumentos musicais, as armas usadas nos momentos da caça e da pesca, as cores e seus significados, os objetos que nós utilizamos dentro do nosso kijeme (casa) nós podemos trabalhar os nomes dos objetos escolares como: o lápis, a caneta, a borracha, o caderno, enfim, trabalhar desde as séries iniciais e os alunos vão ter uma facilidade maior de aprender, e aprender cantando.

E utilizando o canto como uma maneira mais fácil para eles aprenderem, uma maneira mais simples, e logo eles irão replicar dentro da sala de aula e na comunidade aquelas palavras que eles aprendem na escola, palavras que as vezes seus pais ainda não sabem e eles ainda tão pequenos ensinam para seus pais.

Sameary: *Quais elementos culturais que acompanham o canto Pataxó nos processos de ensino e aprendizagem, o que tem a vê canto na questão territorial e na espiritualidade.*

Eyhnã: *Então, os elementos culturais que acompanham esses cantos nesse processo de ensino são vários, muito amplo, como eu sempre falo para os meus alunos, é que nosso braço forte, nosso pilar pra gente ter nossa comunidade e pra gente tá vivendo nesse território são esses traços culturais que nós devemos cultivar e permanecermos firmes.*

Não tem um traço mais forte do que esse e, uma coisa está ligada a outra, não adianta você dizer que está trabalhando o canto e que não existe a espiritualidade, a espiritualidade está presente a todo o momento e por mais que você canta e não perceba a espiritualidade que está por trás daquele canto, ela está ali presente.

E muitas das vezes quando a gente tem esse conhecimento do canto, quando a gente faz referência aos encantados pedindo proteção ao nosso pai Tupã aos nossos Niãmisũ (Deus) e quando a gente tem entendimento do significado daquele canto, vamos ter um respeito maior e é isso que deve acontecer, é você conhecer o que está cantando.

Não adianta você cantar da boca para fora, da mesma forma eu falo sobre nosso instrumento sagrado que é o maracá, não adianta pegar bater o maracá e bater de qualquer maneira, existe uma maneira correta de você bater o maracá, não por brincadeira ou por vaidade para querer se aparecer, mas tem que usar esse elemento num momento em que você esteja mais necessitado.

Então a questão de você trabalhar o canto dentro da escola, tem uma importância muito grande inclusive hoje quando se trabalha com os jovens, eles já têm um pensamento diferente, esse jovem já entende um pouco melhor sobre o que é a espiritualidade, o respeito pelos mais velhos, pelo território e o que é um território Indígena, o que é uma demarcação.

Porque de todos esses territórios que nós temos hoje, não há um território que foi conquistado e que houve luta e que não houvesse a música e essa espiritualidade tão forte do nosso povo. Tudo isso através dos nossos cantos que são fortes, e hoje quando você coloca um jovem para cantar junto com um mais velho que participou de uma retomada, participou de grandes lutas, movimentos indígenas, percebe-se a essência que esse mais velho tem, chega dar arrepios quando ele canta.

Porque nesse momento ele não está cantando sozinho, não está cantando da boca para fora, está cantando com a alma, com o coração, então é de extrema importância para a gente fortalecer a questão do canto Pataxó dentro das escolas Indígenas, é isso o canto tem a vê com o território.

O canto dá esse empoderamento para as nossas lutas, para nossas conquistas, quando as pessoas acham que nós estamos enfraquecidos aí vem aquela força de

dentro, força espiritual que nos tornam pessoas vista com outro olhos diante das autoridades, muitas vezes quando a gente canta uma música com tanta força, tanta energia com tanta espiritualidade por mais que estamos em poucas pessoas ali cantando consegue abranger uma grandiosidade que quem está de fora vê como se estivesse uma imensidade de indígenas ali cantando.

Fortalece e demonstra que você não está ali sozinho, naquele momento demonstra que você está acompanhado por uma força divina e que está ali para te proteger, então quando a gente fala em território e espiritualidade a gente tem um entendimento diferente sobre o território, na verdade muita gente confunde terra com território, terra é uma coisa que todo mundo pega e comercializa, vende, troca ou faz o que quiser.

O indígena tem a questão do território de que não é dele próprio é daquele povo que sobrevive ali, a parti do momento que ele não se senti bem naquela parte do território ele migra para outro lugar, porque é uma maneira que ele ainda entende que se pode viver dessa forma, por isso que é tão importante a demarcação dos territórios indígenas, porque hoje dentro dos territórios é onde estão as áreas mais preservadas, onde encontra nascentes, rios e as biodiversidade, nosso respeito pelo o território é muito grande, ainda temos essa proximidade muito forte.

Inclusive é o que os nossos mais velhos falam para a gente sobre essa questão de está utilizando a terra como meio de sobrevivência, de se ter o respeito quando for entrar na mata e pedir licença é ter respeito pelos os encantados e os nossos antepassados que estão enterrados, é um ato sagrado que nós nunca podemos esquecer e nem deixar de falar por mais que essas lutas foram muito dolorosas, muito tristes é um fato que nunca esqueceremos.

Então o canto, o território e a espiritualidade estão interligados e não tem como falar de uma sem falar da outra, e o nosso grande intuito enquanto professores educadores Indígenas é que todos nós tenhamos esse conhecimento, é a gente entender que o canto Pataxó nos representa, a importância do nosso território e o que representa a espiritualidade, não só para mim que sou jovem com meus 29 anos de idade, mas, para os nossos mais velhos.

Pois nós aprendemos tudo com ele, não tem como a gente aprender tudo em um livro, a gente tem que aprender com os nossos livros vivos, que são os nossos livros de histórias, os nossos anciões que estão dentro das nossas comunidades. A partir do momento que a gente entende tudo isso a gente valoriza mais a nossa língua, a nossa espiritualidade e incentiva nossos jovens. Para que pratiquem nossos cantos, danças, costumes, crenças e tradições, porque esses são os pilares que têm maior importância para que a gente tem o território assegurado e reconhecido como um território Indígena e que a gente possa vivenciar isso por longas datas.

Eu comecei a lecionar aqui na Escola Indígena de Aldeia Velha no ano de 2011, como voluntário da educação, na época era a professora e diretora Marialva Dias dos Santos e Txaywã Pataxó professor da língua materna (Patxohã), no ano seguinte tive meu primeiro contrato e estou aqui até hoje, tentando colaborar naquilo que for possível na contribuição para o desenvolvimento dos alunos nos aspectos culturais da minha comunidade, mas é importante lembrar que, o primeiro professor contratado pelo município de Porto Seguro foi no ano de 2003 o grande guerreiro Arawê da Aldeia Barra Velha, o Arawê é uma grande liderança do território não só da Aldeia Barra Velha, mas de todo povo Pataxó.

É também detentor dos conhecimentos tradicionais e que ainda hoje nós podemos aproveitar-lo porque ele ainda está com vida e está passando esses conhecimentos para os nossos jovens, ele foi o primeiro professor a dar o primeiro passo através de muitas lutas e conquistas que nós tivemos ao longo do tempo.

Hoje, todas as escolas Indígenas têm seu professor de patxohã (língua materna) desde o primeiro ano em que ele entra na escola até o último. Esse aluno tem o seu professor que também é professor de cultura, esse professor ensina matemática no idioma Patxohã, história, a questão do território, medicina tradicional e as modalidades tradicionais.

São todas essas disciplinas que ensinamos na nossa língua materna (Patxohã) diante de algumas dificuldades tivemos uma grande evolução da língua materna na nossa Escola Indígena na questão de novas músicas utilizando nossa própria língua materna (Patxohã) e grande evolução sobre nossos jovens está aprendendo a respeito das nossas ancestralidade.

Respeito pelo lugar onde eles vivem, então nós caminhamos bastante, evoluímos, mas ainda temos muito a evoluir, e para que essa evolução chega a um patamar melhor, um patamar mais alto, necessita que os professores das outras disciplinas contribuam ainda mais para que esse ensino dentro da escola nos fortaleça mais e mais. Nós almejamos que daqui a alguns dias nós possamos produzir materiais na nossa língua materna (Patxohã) e que os alunos possam lê, compreender e se expressar através dos seus escritos.

3. OS CANTOS PATAXÓ TRADICIONAIS

Os áudios desse trabalho foram disponibilizados no seguinte endereço eletrônico: <https://soundcloud.com/canto-pataxo>

Pataxó muká, mukaú

É um canto usado para união entre parentes para reforçar grito de guerra. Com o significado na língua portuguesa (Pataxó unir, reunir). É preciso muita união para os enfrentamentos seja qual for a natureza.

Muká, mukaú 3x

Pataxó mayõ werimehe

Mayõ werimere (3x)

ertõ , ertõ, ertõ pataxó (2x)

Kotê kawi suniatá heruê (2x)

Heruê, hê-hê- heruê, heruê (4x)

Tradução

PATAXÓ, unir, reunir

Unir reunir

PATAXÓ, luz do amor

Luz do amor

Te amo, te amo, te amo, PATAXÓ

Beber cauim e cantar awê

Awê- he,-he- awê , awê

Letra e melodia: Matalawê (CoroaVermelha), 1999

Ãhô trakejá

É também um canto de despertamento e encorajamento em que os parentes são chamados a não amolecer, não dormir permanecer atento.

Ãhô muhú txihi Pataxó

Kamayurá

Patxutxá takap akuã

Patxitxa mikay dxihhi

Mukueme

txuhap muká penaô

henuhé ãhô hõ

heruê eiê, heruê eiê,eiê

heruê

Não amoleça (Tradução)

Não durma índio Pataxó corajoso.

Furar com lança e flecha,

Cortar com facão não-índio mau.

Vamos unir e pisar forte e não cansar.

Letra: Aruã/Matalawê

(Coroa Vermelha), final de 2000

Pakte iẽ niamysçũ

Akxãy taputary txurão

Dxê iõ kramuhuá

Ahõhê topehê torotê

Ãtxuab txuráp patxitxá

Karnetú awé dxa´há iẽ

Yamany ãg patxitxá

Iõ pãkte ytsã karnetú

niamisũ hũ nytxi

werymehe.

Agradecimento a Deus (Tradução)

Oi parente vamos ver o mar

como ele está lindo

Vamos fazer o nosso awê

Para a mãe d' água

e fazer nosso agradecimento

a deus com muito amor.

Letra e melodia: Eyhnã Pataxó

(Aldeia Velha)

Os cânticos a seguir, foram usados no processo de retomada da comunidade Indígena Pataxó Aldeia Velha, pelo cacique Ipê e todos da comunidade no ano de 1998.¹

Procurei manter a versão original de quando nós cantávamos esses cantos, porque não é simplesmente um canto e sim um marco da história de luta e resistência do nosso povo Pataxó, sobretudo da nossa comunidade Aldeia Velha.

Caboco tá na mata

Caboco tá na mata tá comendo sapucaia

Caboco tá na mata tá comendo sapucaia

Oh venha vê caboco 2x

Venha vê onde caboco maia.

No pé do cruzeiro jurema

No pé do cruzeiro jurema eu vou com meu maracá na mão

No pé do cruzeiro jurema eu vou com meu maracá na mão.

Vou pedir a Jesus Cristo com amor no meu coração

Vou pedir a Jesus Cristo com amor no meu coração

A maré encheu

A maré encheu tornou vazar de longe muito longe eu avistei o mar

Minha casinha coberta de sapé meu arco minha flecha minha cabaça de mé

A maré encheu tornou vazar de longe muito longe eu avisto o mar

Minha casinha coberta de sapé meu arco minha flecha minha cabaça de mé

¹ Cada comunidade tem seu jeito de cantar e de escrita, podendo haver mudanças de uma comunidade para outra, não foram identificadas as autorias.

Na minha aldeia tem

Na minha Aldeia tem, beleza sem plantar
 Eu tenho o arco, eu tenho a flecha, tenho raízes para curar
 Viva Jesus, viva Jesus, viva Jesus
 Que nos veio trazer a luz.
 Viva Jesus, viva Jesus, viva Jesus
 Que nos veio trazer a luz.

Quando eu vejo a zoadá da cabaça

Quando eu vejo a zoadá da cabaça me dá vontade de cantar
 Quando eu vejo a zoadá da cabaça me dá vontade de cantar
 Mas eu canto é pra Tupã, pra Tupã me ajudar.
 Mas eu canto é pra Tupã, pra Tupã me ajudar.
 Adeus lua nova, adeus lua cheia, 2x
 Eu canto é pra Tupã (2x)
 Vou voltar pra minha Aldeia.

Índio pataxó

Índio Pataxó o que veio fazer aqui?
 Índio Pataxó o que veio fazer aqui?
 Eu vim cortar o pau pra tirar o jitaí
 Eu vim cortar o pau pra tirar meu jitaí

Eu sou índio

Eu sou índio guerreiro e vou pra mata caçar
 Eu sou índio guerreiro e vou para mata caçar
 De trás daquele pé de serra onde vejo as araras cantar.
 O canto das araras é lindo têm muita beleza

O canto das araras é lindo tem muita beleza
 Não podemos destruir as coisas da natureza

Passarinho tá cantando

Passarinho tá cantando oh, passarinho tá cantando (2x)
 Passarinho tá cantando oh, passarinho tá cantando
 Com seu canto bonito oh lê lê vai voando no ar oh lá lá
 Chama rá, rá, rá oh lê lê
 Chama rá, rá, rá oh lá lá

Bahia terra de são salvador

Bahia terra de são salvador
 Bahia terra de são salvador
 Nós viemos de uma tribo valente,
 Andamos para frente voltamos para trás
 Nós somos índios queremos chegar
 Nós somos índios queremos chegar

Tavarí Dipirau

Tavarí dipiau gurugi xicácá xicaca
 Ô bota na cuia que eu quero bebê
 Depois que eu bebê balança o maracá
 Xicácá, xicácá, xicácá
 Eu tava la na mata escondidinho
 Eu tava la na mata agachadinho
 Ô bota na cuia que eu quero bebê
 Depois que eu bebê balança o maracá
 Xicácá, xicácá, xicácá

Os cantos abaixo são os cantos mais recentes, traduzidos da língua portuguesa para a língua materna (patxohã) observando que em algum momento não houve todas as palavras para escrever na língua patxohã por isso que foram feitas nos dois idiomas.

É um canto que faz parte da nossa oração em agradecimento a Tupã (Deus) muito usado nos momentos de aberturas dos nossos rituais principalmente dentro da nossa escola, cantamos agradecendo e pedindo iluminação para iniciarmos nossas atividades.

Kanã pataxí petoi

Kanã pataxí petoi

Baixutxê nãahã pokaiaré

Ahnã petoi puhuy

Ahnã petoi akuã

Ahnã petoi sara dxahá txóp haré

Kahab`txê siratã

Dxahá umip apóy umip mayõ

Meu puhuy

É um canto que transmite fé e encorajamento, ao mesmo tempo nos leva a enaltecer a nossa mãe tanara (mãe natureza).

Eu vou com meu puhuy

Eu vou com o meu puhuy

Com fé em nosso Tupã

A minha aldeia é pataxó

Sou do tempo de ãña, ãña, ãña

Hoje é o dia do índio

Hãmea o awê awá

Goyá kawĩ da minha aldeia

Sou ãtiato a xavaská

ĩhé nossos kitok

Jokana e kakusú

Hãmea o awê awá todos pintados de urucum

O meu cocar e o meu colar

O tupsay é uma beleza

Com as penas de passarinho

E todas as cores da natureza

(Autor desconhecido)

Caboquin da pele preta

caboquim da pele preta o lê o lá

Vem cá vem cá

Quem tá dormindo acorda já

Awê awê awá se meu caboco for embora eu vou buscar

Olha a palha do coqueiro

Olha lá vem cá vem cá

Quem tá dormindo acorda já

Awê awê awá se meus querreiros

for embora eu vou buscar

(Autor desconhecido)

Goyá miãga

Goyá miãga de airy, keroĩ kuiũna keroxi.

Kehemomê keteinó, bayxó mukeka aromató

Warukã patybaré mirapé jêgrtehemeré.

(Autor desconhecido)

Txihí mirawêAntepassado

Txihí marawê 2x

Wãkhomãk ãpú heruê

Txihí mirawê txihí mirawê 2x

Wãkhomãk ãpú heruwê

Waê, waê, waê, waê torotê uĩ pakhê (Letra e melodia: Raywã Pataxó)

Torotê hũ niamisũEstou com Deus

Torotê hũ niamisũ uĩ kawpetõ kawatá 2x

Topehê mê`á kartonetú

Upũ hotxomã uĩ hãhão 2x

Heruê, awê, awá 4x

(Letra e melodia: Reywã Pataxó)

Txuhap trioká hũ niamisuVamos caminhar com Deus

Txuhap trioká, ahá, ahá 2x

hũ karnětú niamisũ 2x

Petoĩ `xó nitxí uhitué 2x

Iẽ aksã mē`a´ napinatô 2x

(Autor desconhecido)

Este canto é usado para confraternizarmos com os nossos amigos não índios que estão sempre presentes nos nossos momentos de festividades.

Ãguarê

Ãguaré dxaháiõ ãtohá meá dxê

Ãguaré dxaháiõ ãtohá meá dxê ãgnaray

Tânará mehoxó iupúkjitaiá sũniatá

uhitué apônẽ iuá meá nõmaysõ

kahabiutxê ê, ê, ê,ê uu (2)

Este é um canto de despedida quando despedimos de algum ente querido para expressarmos nossos sentimentos de tristeza no momento de luto.

Canto de despedida**Dawê mayõ ãhé**

Dawê mayõ ãhé

Dawê mayõ ãxê

Dawê mayõ ãhé

Dawê mayõ ãxê

Despedida ao meu naô (2x)

Meu naô maxenawê.

Este canto nos mostra a beleza da pisada no chão quando estamos hamiando (dançando)

A pisada no chão demonstra toda beleza expressada através do nosso corpo em um momento de muita interação com os nossos parentes.

Ô pisada bonita é de caboco

Ô pisada bonita é de caboco

Ô pisa na areia no rasto do outro

Ô pisada bonita é de caboco

Ô pisa na areia no rasto do outro

Ô pisada bonita é de caboco

Ô pisa na areia no rasto do outro

Este canto nos demonstra a importância do sábio da nossa Aldeia o qual nós denominamos de pajé e que carrega todo conhecimento tradicional do nosso povo. É o pajé o verdadeiro guardião da nossa Aldeia tendo consigo toda ciência, sabe quando algum vendaval está se aproximando.

Casa na serra

Tem uma casa lá na serra que só tem pé de guiné

Tem uma casa lá na serra que só tem pé de guiné

Ô quem é que mora lá é o pajé (2 x)

Porque ele mora lá

Porque nós moramos aqui

Porque ele mora lá

Porque nós moramos aqui

É benzendo nossa Aldeia para nada atrapalhar (2x)

Ô hena, hena hena heô (2x)

Ô hena, hena hena hena heô (2x)

Este canto é um questionamento em que nós perguntamos pra que mandou nos chamar, se nós estávamos quietos para que nos tirou nossos direitos? Somos índios guerreiros e vamos lutar.

Tava lá dentro da mata

Tava lá dentro da mata pra que mandou me chamar? (2x)

Eu sou índio guerreiro, índio guerreiro de orubá (2x)

Hêa, hêa hêá hôa (4x)

Hêa hêa, heá (3x)

Hêá, hêa hô.

Este canto é usado para transmitir paz nos momentos de nossos awê (dança Pataxó)

E ao mesmo tempo expulsar todo mal ao buscarmos forças espirituais.

O índio na Aldeia

O índio na Aldeia na paz de Deus chegou (2x)

Ô na paz de Jesus cristo todo mal vai carregar (2x)

Ô pisa miudinho, ô torna repisar

Pisa miudinho todo mal vai carregar

Ô pisa miudinho ô torna repisar

Pisa miudinho todo mal vai carregar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo este trabalho, reafirmando a importância que tem o canto Pataxó em toda sua amplitude sociocultural como forma de estimular e incentivar as crianças e jovens e todos da minha comunidade e de todo o povo Pataxó, no que refere as suas práticas e valorização de sua cultura ancestral, considerando-os um povo específico e diferenciado.

Durante essa pesquisa pude ouvir e observar o quanto o canto significa para o meu povo, pude perceber também o quanto a língua patxohã passou a se fazer presente no uso da comunidade. Dentre as práticas culturais do nosso povo, uma delas é o canto, como muitas pessoas afirmam que através desses cantos veio a reconquista da terra, como tem sido também de extrema importância no processo de retomada e expressões da língua que se mantém ao longo dos anos e que na tradição oral é uma das características do nosso povo, são narrados momentos reais de vivência, existência e resistência.

O canto nos traz segurança, força e alegria, o canto é instrumento de comunhão entre nós e a natureza, pois quando se é criado um canto é pensado os elementos que possa nos transmitir boa energia, mensagem e equilíbrio, que são: O canto dos pássaros, o calor do fogo, a força da terra, o barulho das águas, o calor do sol e a pureza das estrelas e da lua. É por isso que para nos pataxó não somente o canto é importante como também é sagrado.

Registrar um pouco esses cantos por meios de descrições é uma forma de fortalecer e manter este conhecimento entre o nosso povo não somente na memória como também na prática e que seja repassados e ensinados para as novas gerações. Como também, este trabalho trará contribuição como material didático e pesquisa para a minha comunidade e mesmo para outras quem tiver interesse, e que através deste, possa surgir interesse em outras pessoas poder fazer estudos e pesquisar sobre os cantos e a nossa cultura como um todo.

“O canto é vida, alma e espírito, o canto é segredo e sagrado”

ANEXOS

Algumas das muitas práticas pedagógicas desenvolvida na escola e também na comunidade indígena de Aldeia Velha.

MOMENTOS DE CANTOS ANTES DE INICIARMOS AS ATIVIDADES EM SALA DE AULA.



Figura 12 - Foto: Aline Pataxó

ATIVIDADE DESENVOLVIDA SOBRE O CORPO HUMANO COM PARTES DO CORPO ESCRITA EM PATXOHÃ (LÍNGUA MATERNA)



Figura 13 - Foto: Vânia Meira

PINTURA CORPORAL PARA APRESENTAÇÃO DOS JOGOS INFANTOJUVENIL DE ALDEIA VELHA. (PROFESSORES E ALUNOS)



Figura 14 - Foto: Sameary Pataxó



Figura 15 - Foto: Andxuara Pataxó



Figura 16 - Foto: Sameary Pataxó (Ensino da língua materna com áudio e vídeo, realizado pelas Professoras : Marly e Ahnã Pataxó)

ATIVIDADE EXTRA CLASSE INTERCÂMBIO COM ESCOLAS NÃO INDÍGENAS.



Figura 17 - Foto: Sameary Pataxó



Figura 18 - Foto: Ahnã Pataxó

RITUAL DE ABERTURA DOS JOGOS INFANTOJUVENIL



Figura 19 - Foto: Ahnã Pataxó

JOGOS INFANTOJUVENIL DA ESCOLA INDÍGENA DE ALDEIA VELHA



Figura 20 - Foto: Ahnã Pataxó (corrida com maracá e cabo de guerra)

ATIVIDADE SOBRE Á ÁGUA DA COMUNIDADE E A PRODUÇÃO DE FARINHA



Figura 22 - Foto: Ahnã Pataxó



Figura 21 - Foto: Sameary Pataxó

ATIVIDADE ESCOLA E COMUNIDADE



Figura 23 – Primeira foto: Andxuara Pataxó (Formatura turma Pré II). Segunda foto: Raywã Pataxó (Ritual com a comunidade)



Figura 24 - Foto: Raywã Pataxó (Marcha de conscientização e valorização das nossas práticas culturais na escola e comunidade)

RESULTADO DE TRABALHO ESCOLA E COMUNIDADE (Gratidão)

Figura 25 - Foto: Ahnã Pataxó (Momento muito esperado, modelos para desfile dos jogos infanto-juvenil da escola de Aldeia velha)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOMFIM, Anari Braz. **Patxohã: a retomada da língua do povo Pataxó**. Revista Linguística, v. 13, n. 1, p. 303-327, 2017.

BRAZ, Saniwê Alves. **Alfabetizar Cantando na Aldeia Muã Mimatxi**. TCC – FIEI - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2016

DIAS, Marialva Dos Santos. **A Educação Escolar Indígena em Aldeia Velha: Especificidade e Evolução Histórica**. 2018,51 TCC– IFBA (Instituto Federal Da Bahia) Porto Seguro-Ba.

NASCIMENTO, Akerlan Santos. **A Musicalidade Pataxó: A Música e os Cantos Sagrados na Aldeia Barra Velha**. TCC – FIEI - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2014

PATAXÓ, POVO. Inventário Cultural Pataxó: tradições do povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia: Atxohã. **Instituto Tribos Jovens (ITJ)**, 2011.

PATAXÓ, POVO. **Leituras Pataxó: Raízes e Vivências do Povo Pataxó nas Escolas**. Bahia: Secretaria De Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). 2005.

SANTOS, Itanajé Ferreira dos. **Narrativas Pataxó da Aldeia Barra Velha**. TCC – FIEI - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2016.

SILVA, Antonildo De Lira. **Moykã Txihihã Xaurumã Pataxó Nioniemã Atxohê Ũpú Etxawê Uxé Pataxi Makiami: Jogos Indígenas Infantojuvenil Pataxó um Método de Ensino em Aldeia Velha**. TCC - Universidade Federal De Minas Gerais. 2019.